



Universidade de Brasília - UnB

Faculdade de Educação - FE

Giselle Gomes Santos

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS DAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
BRASÍLIA**

Brasília/DF

2015

Giselle Gomes Santos

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS DAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE
BRASÍLIA**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas.

Brasília/DF
2015

Folha de Aprovação

Giselle Gomes Santos

O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Profa. Dra. Otília Maria A. N. A. Dantas (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Dra. Andréia Pereira de Araújo Martinez (examinadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Luiz Villar Mella (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília/DF, 09 de julho de 2015

**Dedico a todos os profissionais de Educação que amam o que fazem em meio
às diversidades e dificuldades que aparecem,
continuam se dedicando constantemente por uma
educação melhor.**

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, minha fortaleza durante essa caminhada, por ter me dado às coisas conforme não ao meu tempo, mas no seu tempo. Pela força, pela minha saúde e Fé, iluminando-me na certeza de que tudo já havia dado certo.

A minha família da qual fazem parte minha mãe Maria Paula, meu pai Adelson e minha irmã Elane que sempre acreditaram na minha capacidade, esforço e dedicação.

Mais uma vez agradeço em especial, a minha mãe, por acreditar em mim, que sempre incentivou para que eu não desistisse do meu sonho, que minha hora ia chegar. Agradeço-a de forma singela pela paciência que demonstrou comigo, durante meus estresses, nervosismo durante a elaboração deste trabalho, enfim, não teriam palavras para agradecer essa pessoa que amo tanto.

Nesse momento que almejo minha formação dentro da UnB, outra pessoa que de certa forma sempre esteve comigo durante esses quatro anos de curso e durante toda essa caminhada rumo à conquista dos meus maiores sonhos é meu namorado Halisson o qual tenho orgulho, e que venho aqui agradecer por estar fazendo parte nesse momento da minha vida e da minha história.

Agradeço meus professores doutores da universidade os quais contribuíram satisfatoriamente e imprescindíveis para a minha formação, para meu caminho durante todo esse processo. A minha professora orientadora Otilia Dantas que me acolheu de uma forma tão especial e confiante no meu trabalho acreditando sempre na minha capacidade.

Agradeço sinceramente a professora Maria Emília por ter me dado o apoio e principalmente a oportunidade enquanto fiz parte desse programa maravilhoso que é o PIBID.

Agradeço aos alunos, corpo docente e direção, funcionários da primeira escola, o Centro de Ensino 01 do Planalto, que entrei ao participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) pela recepção afetiva a qual me dedicaram.

Aos alunos e professores da Escola Classe 405 Norte. Em especial a Marília que nos deu todo apoio e motivação elevando, em particular, minha autoestima e me desafiando a cada momento com várias formas de aprendizagem das crianças especiais. E não poderia deixar

de agradecer principalmente a essas e outras crianças dessa escola pelo carinho que me demonstraram comigo durante o estágio e enquanto pibidiana dessa escola.

Agradeço a professora Dayse pelo acolhimento durante meu período de estágio e ter me incumbido de total confiança no auxílio e acompanhamento das atividades do aluno João Vitor. Além dos momentos que me deu conselhos valiosíssimos da carreira de magistério.

Agradeço as crianças de uma maneira geral, porque são com elas que eu pretendo dedicar meu tempo a fim de ensinar e aprender, trocando experiências com elas daqui para frente.

Aos meus amigos que de uma forma singela compuseram minha história dentro e fora do ambiente acadêmico e escolar. Amigos que fiz na Universidade (Vania, Guilherme Leão, Thaline, Jéssica Medeiros, Anne Caroline, Taíres, Márcia, Sabrina Laísse, Suzana, Wagner, Tainara Vital, Luciana Alves, Gabriela), entre tantos outros que nos levaram a perceber a universidade um lugar agradável e descontraído para novas aprendizagens e aos amigos que fiz durante toda minha vida escolar.

E finalmente aos meus queridos parentes (tios e pimos) que torciam e viam a minha insistência, esforço e dedicação em ir atrás daquilo que eu sempre quis fazer, cursar uma universidade fazendo o que eu realmente gosto.

“Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco a sociedade muda.” **Paulo Freire**

RESUMO

Diante da importância e atualidade que vem se percebendo na relação família-escola, o presente trabalho visou desvelar o papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos, reconhecendo a importância dessa nas superações das dificuldades dos educandos. Além de termos percebidos a necessidade de apontar quais os momentos em que a família participa da vida escolar de seus filhos. A pesquisa aconteceu in loco numa escola pública do DF, com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental. Para que a pesquisa fosse realizada utilizamos de um questionário contendo sete questões (abertas e fechadas) aplicado a nove mães que compareceram na reunião escolar, momentos de observação que também compôs parte deste trabalho, além da minha experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no qual este ano, mais especificamente, me possibilitou participar da reunião bimestral com os pais. Os resultados obtidos com o estudo apontaram que a participação da família na escola ainda encontra-se limitada, sendo ainda pouco participativa em diversos momentos proporcionados pela escola não só nos momentos festivos como a festa da família como nas reuniões escolares, e algumas famílias ainda não se percebem como uma instituição capaz de contribuir com o desempenho escolar de seus filhos.

Palavras – chave: Família. Função social da escola. Aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Brincadeiras da infância.....	12
FIGURA 2 – Formatura do ABC.....	14
FIGURA 3 – Sentimento de tristeza pela mudança de escola.....	15
FIGURA 4 – Influência em minha vida escolar.....	16
FIGURA 5 – Minha dedicação aos estudos.....	18
FIGURA 6 – A professora da pré-escola que marcou a vida estudantil.....	19
FIGURA 7 – Escola Técnica de Brasília - ETB.....	20
FIGURA 8 – Comemoração dos amigos pela minha aprovação no vestibular da UnB...	21
FIGURA 9 – Influência da família no contexto escolar.....	22

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Participação da família nas reuniões de pais e mestres.....	46
Gráfico 2 - Motivo da participação da família no cotidiano da escola.....	47
Gráfico 3 - Avaliação das mães na vida escolar dos filhos.....	48
Gráfico 4 - Associação de Pais e Mestres.....	55
Gráfico 5 - Participação da família nas tarefas de casa.....	56

SUMÁRIO

RESUMO

LISTA DE FIGURAS/ LISTA DE GRÁFICOS

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO	11
Reescrevendo a minha história escolar.....	12
APRESENTAÇÃO.....	25
PARTE II – MONOGRAFIA – O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA	27
1. INTRODUÇÃO.....	28
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	31
2.1. Família.....	31
2.2. Da aprendizagem familiar a escolar.....	34
2.3. Função social da Escola.....	37
3. O CONTEXTO, OS SUJEITOS E OS DOCUMENTOS DA PESQUISA.....	43
3.1. Contextualização do espaço da pesquisa.....	43
3.2. Os sujeitos pesquisados.....	44
3.3. Os instrumentos da pesquisa.....	45
3.3.1. Questionário aplicado aos pais.....	46
3.3.2. Observações.....	48
3.3.3. O Projeto Político Pedagógico da Escola.....	49
4. EMPIRIA – A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA.....	53
4.1. Quando e de que maneira a participação dos familiares está consolidada no PPP da escola?.....	53
4.2. Quando e para que fim os pais são convidados a participarem de reuniões e/ou visitas à escola?.....	56
4.3. De que maneira a escola promove a inserção/participação dos familiares no cotidiano da escola?.....	58
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
6. REFERÊNCIAS.....	64
7. APÊNDICE A: Questionário aplicado aos familiares.....	65

PARTE I – MEMORIAL EDUCATIVO



Reescrevendo minha história escolar

“Como a tia passava muito dever de Matemática e Português, para você não ir para a escola sem fazer o dever, eu chamava você para fazer o exercício, que a vida não era só brincadeira, não; aí, eu colocava a cadeira perto do freezer e você ajoelhada fazendo os deveres. Você falava: Mãaaaaaae, não sei fazer isso não! Então vou ajudar; eu pegava um saco de balinha, feijão e ia te ensinar a fazer o dever de Matemática”. A partir disso reescrevo minha pequena e resumida trajetória de vida.

A primeira escola a gente nunca esquece, não é verdade? Também não é verdade que dificilmente esqueceremos os momentos de alegrias que tivemos com nossos colegas de vizinhança e primos, tais como: os primeiros aniversários comemorados em família, as brincadeiras (Figura 1) de rua com os vizinhos (pique-pega, amarelinha, pique esconde, entre tantos outros); assim como não dá para esquecer os momentos de tristeza.

FIGURA 1 – Brincadeiras da infância.



Fonte: Google imagens

Mas aqui, quero lembrar principalmente daqueles que de certa maneira foram de suma importância para descrever a minha trajetória de vida e escolar. O que me levou a refletir sobre a importância da minha família no desenvolvimento de seus filhos: eu e minha irmã. Mergulhada neste contexto de aprendizagem que me surgiu o desejo de investigar a temática que abordo a partir de agora.

Diante das diferentes concepções acerca da Educação, essa que é compreendida, até então, como sendo um processo de formação que ocorre no meio social no qual o sujeito está inserido, venho destacar a Educação a partir do pensamento de Paulo Freire (1996, p.30). Percebo que a família é importante no contexto de aprendizagem do aluno, assim como é importante perceber a escola como continuação da aprendizagem familiar, isso quer dizer que a escola deva trabalhar seus conteúdos pelos saberes trazidos pelos alunos.

Sendo assim, percebo durante minha trajetória a figura dos docentes e suas práticas educativa para a formação que tenho hoje e percebo a importância de se refletir essas práticas nos dias de hoje. Paulo Freire destacou em seu livro *Pedagogia da autonomia: sete saberes necessários a prática educativa*, no primeiro capítulo do referido livro está voltado aos saberes necessários para a formação docente, neste capítulo encontramos que o Ensinar exige respeito aos saberes do educando, é entendido como os saberes que leva em conta a vida cotidiana, as experiências dos educandos, e há pois, uma busca de práticas educativas em que discutem-se e reflitam a realidade concreta aos conteúdos vistos em sala de aula isso levando-se aos diversos saberes adquiridos ao longo das experiências desses sujeitos.

A questão do ato de ensinar para Paulo Freire (1996; p.135), pautou-se também numa prática educativa que preza a disponibilidade para o diálogo entre educador e educando, essa educação leva em conta as experiências vividas pelo sujeito no decorrer de sua vida, rompendo-se com os métodos tradicionais de ensino, buscando respeitar e compreender os saberes, os valores do mundo e as experiências das classes populares, em que se preocupa com a formação do sujeito em diversos aspectos, percebendo a importância de se desenvolver, principalmente, o espírito crítico e reflexivo dos sujeitos. Por isso, percebemos a importância de deixar claro nossa concepção de educação, pois a percebemos como meio de se chegar a transformação do indivíduo e como ela é importante para o desenvolvimento deste e do seu meio, e que o indivíduo pode aprender em diferentes contextos sociais desde que estes tenham cunho formador. Outra ponto importante quando se lê Paulo Freire, é percebemos que somos seres inacabados, sendo assim, a escola precisa ser o espaço para abrir nosso espírito crítico e reflexivo e acreditamos que a família precisa fazer parte desse espaço.

A primeira escola que eu estudei foi construída perto da minha casa, pois se localizava em uma das ruas do Setor Sul do Gama, região administrativa do Distrito Federal. Tudo começou no ano de 1991. Iniciei minha vida escolar aos 3 (três) anos de idade na escola Pequeno Polegar. Fiquei apenas dois anos nessa escola, pois, ela não matriculava criança com a idade que eu tinha na época, então por esse motivo mudei de escola.

Em 1993 estudei na escola Turminha Genial num período de três anos, onde estudei até o Jardim III, estas eram escolas particulares. Foi um período de transição muito marcante na minha vida, fiz minha formatura do ABC nessa escola (Figura 2).

FIGURA 2 – Formatura do ABC.



Fonte: arquivo pessoal

Pelos relatos de minha mãe, ela dizia “você começou a ler já com 5 anos de idade”. Minha mãe sempre foi muito comunicativa com as pessoas que trabalhavam na escola, positivo, pois ela mantinha sempre um diálogo para saber como eu e minha irmã estávamos na escola e durante as aulas “Eu perguntava para tia Jeane se você estava aprendendo direitinho e se tinha muitas dificuldades”. A tia Jeane que minha mãe mencionou foi uma das professoras que me recordo da Educação Infantil, o pouco que me lembro de suas aulas é que elas aconteciam em mesinhas com três a quatro alunos cada.

Estudei no Instituto Social Pax até a 2ª série (atual 3º ano do Ensino Fundamental). As primeiras impressões que tenho quando fui para uma nova escola foi quanto aos aspectos físicos e rotineiros da mesma. A escola no Gama era grande, organizada, tinha parquinho com brinquedos de boa qualidade e uma

casinha de brinquedo que eu amava brincar com as minhas amigas. Também rezávamos antes de entrar para a sala, tínhamos apresentações no pátio, principalmente naquelas datas religiosas, como mês da Bíblia, da qual me recordo com mais clareza.

Quando me preparava para iniciar a 3ª série (atual 4º ano) nesta escola, minha família se mudou para o Riacho Fundo I. A mudança não foi muito boa, nem para mim e nem para minha irmã, pois ficamos muito tristes (Figura 3) em deixar os nossos amigos. Foi realmente um momento de transição e de muita mudança nas nossas vidas, tendo em vista que nessa época, passávamos mais tempo longe da nossa mãe, por ela continuar trabalhando no Gama, enquanto nós ficávamos com meu pai no Riacho Fundo I. E meu pai, nesse tempo assumiu a responsabilidade, melhor dizendo a ponte, em que passou a participar das reuniões de pais na escola, e ponte, pois minha mãe queria saber como eu e minha irmã estava nos estudos e se as notas estavam boas na escola.

FIGURA 3 – Sentimento de tristeza pela mudança de escola.



Fonte: Google imagens

Até então, foi angustiante para nós encontramos nossa mãe apenas à noite. Mas, durante todo esse tempo residindo no Gama, minha mãe se fez muito presente em minha vida escolar (Figura 4) e da minha irmã mais nova nos ajudando de todas as formas como podia nos deveres de casa, por exemplo, no auxílio nas atividades de recortes e de contagem passadas pela professora. Sem dúvida nenhuma, minha mãe foi e sempre será minha referência para os sucessos que eu vier a alcançar, tanto na vida pessoal como profissional.

FIGURA 4 – Influência em minha vida escolar.



Fonte: Google imagens

Com apenas o ensino fundamental completo, minha mãe sempre nos ajudou nas atividades escolares da forma como aprenderíamos com mais facilidade, com recortes de jornais nos ensinou nas tarefas de casa de Português e com pirulitos nos ensinou a contar nas tarefas de Matemática.

A maior parte da minha infância foi morando dentro de um comércio. Hoje percebo o quanto foi importante para o meu letramento e alfabetização, pois sempre fui rodeada de palavras, devido ao nome e aos preços das mercadorias. Minha mãe dizia: “Quando você estava aprendendo a ler me perguntava olhando para as mercadorias e perguntava o que estava escrito”. Utilizando-se desse espaço de comércio minha mãe nos ajudava a contar, multiplicar, dividir, utilizando-se de balinhas e pirulitos que ela vendia “Eu colocava você em cima do freezer, lembra? E pegava um monte de balinha e falava, finge que eu tenho tanto e quero dividir, quanto fico?”. Foi dessa retrospectiva que fiz da minha infância e de experiências com o auxílio da minha mãe, que irei contar mais a frente neste memorial, que me levaram a pensar a participação dos pais na vida escolar de seus filhos.

Diante disso, percebo que o ambiente no qual fui criada durante a infância e a oportunidade de ter minha mãe mais presente, com certeza foram imprescindíveis para que isso ocorresse; diferentemente de muitas crianças em que a mãe e o pai têm que trabalhar fora de casa e acabam acompanhando pouco os estudos do filho, mas a minha vida e da minha família não era muito fácil, minha mãe sempre lutou

muito para dar o melhor para nós, até que chegou certo tempo em que passamos a vê-la apenas à noite.

Apesar da mudança do Gama para o Riacho Fundo I, os incentivos e estímulos permearam durante anos, se fazendo presentes até hoje. Não é a toa que todos os incentivos e esforços me levaram tentar ser sempre a aluna nota 10 da sala, em que os professores sempre me elogiavam aos meus pais. Como eu ia às reuniões eu ouvia bem o que os professores falavam de mim “Parabéns mãe, sua filha não tem problema nenhum, as notas delas estão excelentes”.

Residindo no Riacho Fundo I, os elogios continuaram e a minha história escolar seguiu-se na rede pública de ensino, onde terminei os estudos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Imaginava que eu deveria estudar muito mais para fazer um bom Ensino Médio, preparando-me para o vestibular durante três anos. No início, eu não estava muito feliz com a mudança, nem de cidade e nem de escola, pois pensava nos meus amigos que eu tinha deixado na outra cidade, tendo em vista, que alguns estudaram comigo desde a primeira escola.

Quando comecei o Ensino Médio foi tudo diferente, a quantidade de professores por disciplinas aumentaram. À medida que os conhecia, ia percebendo que teria dificuldade em algumas destas disciplinas como, por exemplo, Física e Química. Eram matérias muito difíceis pelo nível de conteúdo, como também, pelo nível de exigência de professores que a ensinavam. A maioria dos professores já iniciava o conteúdo destacando a importância deste para o vestibular, ENEM e PAS. Se nós quiséssemos cursar a universidade pública, teríamos que passar por esses conteúdos que, a priori, não deixavam de ser difíceis e exigiam muita dedicação.

Durante o Ensino Médio, percebi claramente o apoio e incentivo dos meus pais para fazer os processos seletivos para ingressar na universidade. Meu pai dizia: “Por mais que quiséssemos pagar uma faculdade para você, nós não tínhamos e até hoje, não temos condições financeiras para isso, a única solução era a universidade pública”.

Não fiz cursinho complementar no terceiro ano do Ensino Médio para prestar o vestibular, mas sempre tive apoio e estímulo dos meus pais, mais precisamente da minha mãe que tentava de todas as maneiras fazer com que eu não desistisse da

UnB, ela dizia “Giselle você é inteligente e capaz, o que tiver de ser será, só que você tem que estudar mais e continuar estudando até conseguir passar, pois entrar na UnB é muito difícil, mas não impossível para quem quer”. Palavras otimistas não faltavam nas conversas com meus pais quando o assunto era entrar para a universidade, restava então, eu fazer minha parte e estudar (Figura 5).

FIGURA 5 – Minha dedicação aos estudos.



Fonte: Google imagens

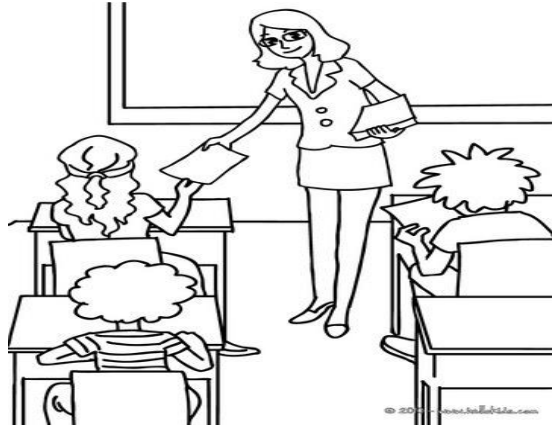
Cada ano foi muito interessante, quase na reta final lembro-me que a professora de Língua Portuguesa nos passou vários temas retirados de notícias de jornais para que fizéssemos redação de todos os temas. As correções foram feitas por alguns alunos que estudavam na UnB, foi bastante produtivo para solucionar algumas dificuldades nas nossas escritas. O melhor disso tudo, foi que nós tivemos o retorno de todas as produções corrigidas e com comentários pertinentes sobre nossa escrita e desenvolvimento de ideias.

Nós tivemos feiras de ciências realizadas na própria escola, peça de teatro, júri simulado, etc. Foram vários momentos maravilhosos na escola. No terceiro ano cumpri a última etapa do Programa de Avaliação Seriada (PAS), em que para minha tristeza não fui aprovada. Apesar disso, nunca desisti, continuei prestando vestibular para a UnB, sempre para o curso de Pedagogia.

Como aluna de uma professora que tive na pré-escola (Figura 6), a qual fez todo diferencial na minha vida, a paciência em ensinar, principalmente, me serviu de exemplo para minha decisão quanto a minha escolha profissional. À medida que aprendia eu gostava mais de ensinar para minha irmã brincando de escolinha com ela e minhas primas. Quando não as tinha para ensinar eu brincava com as minhas

bonecas mesmo. Tinha um caderno em que eu usava para dar aulas, conforme a professora. Naquele caderno registrava a frequência dos alunos, além da sua pontuação e notas.

FIGURA 6 – A professora da pré-escola que marcou a vida estudantil.



Fonte: Google imagens

Na época que fiz o Ensino Médio já não havia mais o curso Normal, curso recomendado pela minha mãe, extinto quando cursei o Ensino Médio. Desde o começo me preparei para concorrer ao Programa de Avaliação Seriada (PAS). Depois de certo tempo em que as pessoas viam que eu queria ser professora me incentivaram a cursar Pedagogia. Queria cursar na Universidade de Brasília – UnB, pelo fato de ser internacionalmente reconhecida e por ser instituição de ensino superior pública.

Terminei o Ensino Médio em 2007, fiz o vestibular para Pedagogia, mas não passei. Tristeza para mim e principalmente para aqueles que contavam tanto com minha aprovação, minha família. No ano seguinte estudei em um cursinho, tentei o vestibular e mais uma vez fui reprovada. Nesse tempo eu percebi que precisava trabalhar, desistindo do cursinho. Trabalhei numa loja infantil por apenas um período para começar a minha independência, conseguir comprar minhas coisas com o meu próprio esforço.

Ainda trabalhando me matriculei na Escola Técnica de Brasília (Figura 7), por incentivo da minha mãe. Ela sempre foi presente em minha vida escolar. Fiz o curso técnico em Informática durante dois anos e meio, aprendi coisas novas, mas não era até então, o meu maior sonho, mas sim, uma forma de ganhar dinheiro

rápido. Participei de um processo seletivo para estágio numa faculdade particular e fui selecionada, fiquei durante um ano e três meses.

FIGURA 7 – Escola Técnica de Brasília - ETB.

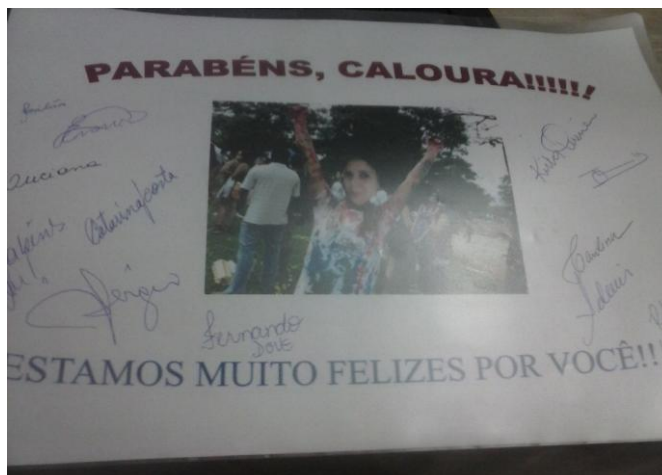


Fonte: Google imagens

As experiências, até esse momento adquiridas, contribuíram de certa maneira significativa no sentido de desenvolver minha independência financeira, saber ouvir as pessoas e ver que são trabalhos importantes, mas que de fato eles não me garantiriam o suficiente para cursar uma faculdade privada.

Saí da loja para fazer o estágio do curso, no último semestre e prestar o segundo vestibular de 2011 da UnB. Para minha alegria, desta vez fui aprovada em Pedagogia. Minha emoção era tamanha que não parei de chorar por alguns momentos, junto com minha família. Passei em primeira chamada para o curso que eu tanto queria e na faculdade que eu tanto almejava. Foi sem dúvida um resultado emocionante para mim, pois não parei de chorar, sem contar as inúmeras vezes que eu olhei no resultado na internet, conferindo o número da identidade para saber se era realmente eu.

FIGURA 8 – Comemoração dos amigos pela minha aprovação no vestibular da UnB.



Fonte: Arquivo pessoal

Essa foto (Figura 8) foi uma pequena homenagem que as pessoas do meu estágio fizeram para mim quando souberam que eu havia passado na UnB, foi sem dúvida nenhuma, um grande momento de muita emoção e alegria para mim.

Já na Universidade, participei da minha primeira Semana Universitária, na qual conheci o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Percebi nesse programa a possibilidade de está em contato com a sala de aula, junto com os alunos, a professora, os diretores e todos que compõem a gestão da escola.

Fui para a escola já no primeiro semestre de 2013, em que inicialmente fiquei numa turma de 4º ano, junto com outros colegas que também participavam do programa. Acompanhamos os alunos ajudando-os nas atividades das disciplinas de Matemática e História, devido à ausência da professora naquele dia. Na verdade, assumimos a turma dando aula, sob a supervisão do coordenador da escola.

O PIBID foi, sem dúvida, a oportunidade que tive de conhecer a rotina dos professores, diretores, coordenadores, secretárias e principalmente, a realidade de alguns alunos da escola. Na escola, a série que acompanhei com frequência durante o programa foi o terceiro ano. Durante o período que trabalhei com a turma, percebi várias questões, tais como, ausência da família nas reuniões, falta de compromisso dos pais quanto às dificuldades dos filhos. Essas e outras questões que me instigaram bastante quanto à aprendizagem dos alunos. Além disso, tive a

oportunidade de participar de um conselho de classe a pedido do coordenador da escola, em que mais uma vez essas questões foram levantadas pelos professores.

Fiquei no PIBID durante praticamente toda minha graduação, foi realmente uma experiência gratificante e marcante para minha formação. No último ano do PIBID continuei o meu trabalho com uma criança diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista, essa criança foi simplesmente um desafio, pois eu nunca trabalhei com uma criança com necessidades especiais, com ela aprendi que cada criança tem seu tempo para aprender e confesso, me emocionei ao vê o aluno que não lia, ler. Foi um trabalho conjunto com a professora, trabalhamos a autoestima e segurança no aluno, foi simplesmente maravilhoso.

FIGURA 9 – Influência da família no contexto escolar.



Fonte: Google imagens

Por isso, acompanhando a história de vida de cada aluno e estando ao lado deles durante as atividades em sala de aula, pensei, o que de fato, alguns desses fatores levantados pelos professores podiam estar interferindo na aprendizagem daqueles alunos, o que ficou claro, a meu ver, a influência perceptível com relação à família no contexto escolar (Figura 9), uma parceria de certa maneira imprescindível para a superação das principais dificuldades dos alunos.

Eu percebia a participação familiar na escola como algo que era sempre abordado pela maioria dos atores escolares, principalmente dos professores; também sempre presentes nas falas da minha mãe quando eu estava na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, pois sempre dizia: “Sempre participei das reuniões, sempre comprava materiais e livros bons, lápis e borracha. Nunca deixei faltar nada para você e sua irmã”.

Ao longo da graduação no curso de Pedagogia, fiz disciplinas que ampliaram meu olhar diante as diversidades que aparecem nesse contexto escolar. Comecei no penúltimo ano do curso, a fazer o estágio obrigatório na disciplina de Projeto 4: Fase – 1. Na primeira etapa do estágio observei uma turma de primeiro e segundo ano do Ensino Fundamental. Nesta fase tive oportunidade de conhecer, além da relação professor-aluno, algumas situações de pouca relevância que era dado para eventos, como a festa da família na escola. Não se percebia o incentivo por parte da escola de mostrar aos alunos, a importância de trazerem seus pais à participarem das atividades da escola. Na fase 2 do referido Projeto 4, o estágio foi realizado no segundo ano, certamente uma experiência gratificante e enriquecedora para minha formação.

Só relembro que passei a maior parte da minha vida escolar na escola pública, o que de certa forma, deixou em alguns aspectos muito a desejar, como, por exemplo, a falta de recursos materiais para que fossem realizadas atividades práticas dentro da sala de aula. Enquanto outros foram de muita relevância para o meu desenvolvimento e vontade de frequentar a universidade, por exemplo, o incentivo de alguns professores em nos querer preparar para o vestibular da UnB. Então, participar como estagiária durante o curso de Pedagogia foi de suma importância para eu retomar a minha realidade como ex-estudante daquela rede de ensino, percebendo com mais clareza as principais dificuldades e limitações encontradas pelos atores escolares que compõem a instituição.

Diante do relato de parte de minha história de vida e tendo a minha família como razão fundamental de minha aprendizagem escolar, percebo que essa relação família-escola é necessária para todo aprendiz, principalmente, quanto a realização das atividades escolares e o próprio desempenho escolar. Portanto, da mesma forma que a família tem por responsabilidade social educar os filhos para o mundo, a escola tem, também, que assumir seu papel no sentido de provocar nos alunos um espírito crítico e reflexivo.

Considerando que a família é a primeira instituição responsável pela transmissão de valores, crenças, comportamentos aos mais jovens, é a partir dela que herdamos uma diversidade de informações para estarmos neste mundo. Com base nisso, concluímos que a família assume, de certa maneira, um papel de

responsável social que, mesmo dentro do ambiente escolar, é capaz de influenciar a aprendizagem dos seus filhos.

APRESENTAÇÃO

O intuito deste trabalho corresponde à etapa final do curso de Pedagogia e sendo necessário para obter a formação como pedagogo. Portanto, a essência deste trabalho está na discussão da influência da família na aprendizagem escolar dos alunos, percebendo também a função social da escola como algo imprescindível para que tal aprendizagem aconteça.

Por isso, o objetivo geral dessa pesquisa é mostrar a importância da influência da participação familiar na aprendizagem escolar e como de fato essa participação acontece.

A influência da família na escola sem dúvida é um tema que vem ganhando espaço em estudos no campo educacional e por isso tornou-se objeto desta monografia. Para tanto foi utilizado diversos autores como embasamentos teóricos para tratar a respeito do tema.

Diante deste quadro, nos capítulos que se seguem, abordaremos sobre a valorização da interação da família no cotidiano escolar do sujeito em processo de formação, uma parceria imprescindível durante seu processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho está organizado em duas partes. A primeira parte, o memorial, retratamos momentos de minha história de vida para ilustrar e contextualizar o tema e o problema da pesquisa realizada e transformada neste Trabalho Final de Curso. A segunda parte, dividida em 3 capítulos, tratamos do tema/problema de pesquisa de um modo mais científico, apresentando, depois da introdução, o capítulo do estado da arte da pesquisa. No capítulo três nos propomos a responder aos objetivos da pesquisa, principalmente no que se refere ao contexto e os sujeitos da pesquisa, bem como nos documentos oficiais da escola, tais como, o Projeto Político Pedagógico, o relatório dos alunos da turma investigada. No capítulo quatro trataremos da empiria apresentando as análises da pesquisa.

No final, as considerações finais, reafirma o objetivo geral da pesquisa em que apresentaremos nossas impressões sobre a investigação, o que nos fez aprender como futuros professores pedagogos e o que pensar sobre o futuro da

profissão. Espero, enfim, continuar investigando esta temática, continuando minha formação.



PARTE II – MONOGRAFIA

**O PAPEL DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR DOS ALUNOS DO 1º
CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE BRASÍLIA**

1. INTRODUÇÃO

O papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos: um estudo realizado com um grupo de alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF é o tema desta pesquisa, ora transformada em trabalho final de curso – TFC. Partimos do princípio de que é na família onde ocorrem os primeiros sinais de aprendizagem provenientes da relação entre seus pais. É neste espaço social em que o sujeito aprende a viver.

Estudos referentes à Educação brasileira mostram o fracasso escolar como uma realidade típica dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Suspeita-se que a participação dos pais na educação/formação dos seus filhos parece limitada. Diante deste quadro delimitamos a seguinte problematização: Qual o papel da família na aprendizagem escolar de seus filhos? Quando a família participa da vida escolar dos estudantes?

A pesquisa visa desvelar o papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos, estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF. O interesse no tema surgiu durante o curso de Pedagogia, quando da realização do Estágio Supervisionado. Ao final, foi possível analisar e refletir sobre a influência/participação da família na aprendizagem escolar daqueles estudantes. Em seguida, procurou-se também, saber as contribuições da escola e da família para a superação das dificuldades de aprendizagens tão corriqueiras para os alunos. Neste sentido, a presente pesquisa evidencia a importância e atualidade deste tema no nosso contexto social e educacional. Ainda se propõe a refletir sobre as diversas formas de superação do fracasso escolar dos alunos, tendo a família como colaboradora imprescindível para a aprendizagem e sucesso destes.

Reafirma-se que a participação dos pais na escola é limitada, mas, principalmente por falta de incentivo destes a serem coparticipes do processo educativo promovido pela escola. Esta, por seu turno, não se interessa pelas reais necessidades educativas da família e nem a família é requisitada pela escola. Para a maioria destes pais a escola não passa de depósito para guardar/proteger os seus filhos das dificuldades enquanto eles trabalham. Sendo assim, nos parece um círculo vicioso que não se rompe. Diante deste quadro, levantou-se os seguintes questionamentos:

- O que significa aprendizagem escolar e qual o rendimento das aprendizagens dos alunos investigados?
- Quando e de que maneira a participação dos familiares está consolidada no PPP da escola?
- Quando e para que fim os pais são convidados a participarem de reuniões e/ou visitas à escola?
- Quem são os familiares destes estudantes? Em que trabalham e qual seu nível de formação?
- Qual a contribuição da família para a aprendizagem escolar dos seus filhos?
- De que maneira a escola promove a inserção/participação dos familiares no cotidiano da escola?

Visando responder tais questionamentos o estudo pretende, como *objetivo geral*, desvelar o papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos, estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF. Para tanto, delimitamos os seguintes objetivos específicos:

- Destacar a forma de participação dos familiares definido no PPP da escola;
- Delinear o espaço e o tempo de participação dos familiares no cotidiano da escola;
- Identificar a contribuição da família para a aprendizagem escolar dos seus filhos estudantes.
- Identificar o rendimento das aprendizagens dos alunos investigados e o sentido de aprendizagem escolar para os sujeitos envolvidos na pesquisa – pais e professores;
- Refletir sobre as maneiras como a escola promove a inserção/participação dos familiares no cotidiano da escola.

Considerando a importância formativa do estudo que ora concluímos, preferimos organizá-lo em duas partes: na primeira parte apresentamos o memorial formativo destacando momentos relevantes da história de vida da autora, relacionando ao objeto de estudo desta pesquisa – a influência da família na aprendizagem escolar de seus filhos.

A segunda parte trataremos da pesquisa, como realizamos, o que descobrimos e o que pensar sobre o tema. Neste sentido, no capítulo referente ao estado da arte abordaremos o referencial teórico que alicerçou o estudo.

Conceituou-se algumas categorias importantes, tais como: família, o papel social da escola e aprendizagem. No capítulo três nos propomos a responder aos objetivos da pesquisa, principalmente no que se refere ao contexto e os sujeitos da pesquisa, bem como nos documentos oficiais da escola, tais como, o Projeto Político Pedagógico, o relatório dos alunos da turma investigada. No capítulo quatro trataremos da empiria apresentando as análises da pesquisa. Finalmente, nas considerações finais, apresentaremos uma síntese da pesquisa apontando alternativas de superação das dificuldades e valorização da aproximação colaborativa entre família e escola, bem como, minhas perspectivas profissionais e acadêmicas. Vejamos!

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico é um espaço de delimitação teórica da pesquisa, é importante para o pesquisador, em que propõe-se construir o arcabouço teórico necessário para sustentar o trabalho. Este é um momento importante de delineamento dos estudos, dos caminhos percorridos e das conexões realizadas. Optou-se por apresentar as seguintes categorias: família, função social da escola e aprendizagem.

2.1. Família

“A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado” (BRASIL, 1988, Art. 226). Com esta denominação jurídica constata-se que a família é a *célula mater* da sociedade, elemento de criação e de formação dos homens. Não se quer aqui, requerer a sua constituição, mas demonstrar a sua importância social, em especial para o contexto escolar.

Tomando as palavras de Menezes (2008, p. 119):

A família é traduzida como uma comunidade de afeto, [...] lócus do desenvolvimento e amparo da pessoa; é uma instituição a serviço da formação e bem-estar da pessoa e não o contrário. O direito de personalidade à autodeterminação ético-existencial do sujeito também não pode ceder a um modelo único de estrutura familiar, haja vista que é permitido ao cidadão o seu próprio planejamento familiar. Não cabe ao Estado dirigir a conduta do cidadão para este ou aquele modelo familiar, pois esta decisão envolve aspectos de sua autonomia ético-existencial.

Se não cabe ao Estado esta conduta, muito menos a escola, cabendo-lhe a responsabilidade de formação integral do aprendiz sem invadir o seio familiar. Reza a Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu Art. 205 que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conforme consta a lei, tanto a família como Estado tem como objetivos comuns garantir a educação as crianças e jovens. Assim, preservando os princípios

expressos na Constituição Federal (BRASIL, 1988), a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB (Lei nº 9394/96) em seu Art. 2º destaca que:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Este artigo aproxima da realidade os princípios da Constituição Federal (BRASIL, 1988) anteriormente citados. A LDB especifica a finalidade da educação enfatizando que toda formação deve-se ao exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho e que continua sob a responsabilidade da família e do Estado.

A participação e o envolvimento da família se torna algo imprescindível, assim como sempre foi a escola para a formação intelectual e social das crianças. Atualmente o que se tem percebido é a necessidade de buscar uma participação mais efetiva da família no contexto escolar, proporcionando assim, uma parceria mais sólida, ambas trabalhando para o mesmo objetivo, que é a aprendizagem em prol do desenvolvimento da criança, preparando-a principalmente para sua vida em sociedade, para o trabalho e ao exercício da cidadania.

Para as referidas leis, a educação como processo de formação deve ocorrer tanto no âmbito familiar, como na convivência entre os indivíduos, nas suas próprias relações de trabalho, entre tantas outras formas. Todavia, o mais importante é a participação da família na aprendizagem escolar dos seus filhos. Diante disso, os estudos vêm mostrando que quanto maior for o vínculo dos pais ou responsáveis com a vida escolar de seus filhos, maior será a chance desses conquistarem o sucesso escolar e o reconhecimento social.

Mesmo havendo modificações na configuração da família temos que pensar para além da letra da lei enraizada em nossa cultura, ou seja, família nuclear tendo o pai como figura central. Esse modelo foi modificado com o passar do tempo e segundo Costa; Franceschini e Portella (2005, p.5),

No passado, a família era a união de pessoas aparentadas que viviam, em geral na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos. Porém [...] atualmente, em muitos casos e em muitos lares, essa família já não é mais assim. Diante da complexidade do nosso dia a dia, percebe-se que novas configurações familiares estão

surgindo, que fazem parte da nossa realidade e que devem ser vistas, observadas e consideradas por nós [...].

A família nos dias atuais saiu daquela configuração do passado. Em alguns casos a criança, por exemplo, passa longas horas distante dos pais e aos cuidados dos avós ou demais parentes. Outros são cuidados por mães solteiras, pais de relações homo-afetivas enfim, isso não significa que trata-se de uma criança sem família, mas que a estrutura familiar mudou significativamente no século que vivemos.

Cabe ao professor, neste novo contexto, e mesmo no contexto tradicional, atendendo ao exposto nas leis supracitadas, proporcionar o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

A História tem registrado (ARIÈS, 1973), que na época medieval, a escola e o colégio recebia um pequeno número de alunos, crianças e pessoas de todas as idades. Este ambiente parecia mais um asilo do que uma escola. Nessa época, as crianças ficavam fora de uma formação intelectual e moral. Elas eram “educadas” para viver como adultos, além do mais, as famílias realizavam contratos de aprendizagem comparados a contrato de pensão, e então, os mestres, padres que viviam naqueles colégios, ensinavam a matéria a todos independentemente da idade.

Alguns séculos se passaram e a participação da família continua sendo fator imprescindível para a aprendizagem dos alunos em início de escolarização, principalmente aqueles dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

A família é o primeiro lócus da educação assim como é a responsável primeira pela transmissão de valores e normas. Dessa forma, diante da atual realidade que o Sistema educacional se encontra no que diz respeito à evasão escolar, fracasso escolar etc., alguns desses problemas podem ser justificados por alguns fatores tanto no que concerne ao pensar do papel da escola como também do papel da família em relação à vida escolar dos seus filhos. Diante deste quadro é fundamental empreender um diálogo imprescindível entre a família em prol do sucesso escolar.

2.2. Da aprendizagem familiar à escolar

A aprendizagem é algo que ocorre com todos os seres humanos desde a mais tenra idade. Aos cinco ou seis anos, frequenta a escola pela primeira vez, onde adquire hábitos, habilidades, atitudes e conhecimentos necessários para viver em sociedade e ser um bom cidadão. Diante disso Davis & Oliveira (1994) afirmam que muitos anos antes de entrar na escola, a criança já vem desenvolvendo hipóteses e construindo um conhecimento sobre o mundo, o mesmo mundo que as matérias ditas escolares, procuram interpretar. As referidas autoras exemplificam essa aprendizagem inicial da criança quando dizem respeito à alfabetização, afirmando que a criança já tem noção de escrita e que o mesmo ocorre com os conhecimentos matemáticos. A aprendizagem é, afinal, um processo fundamental da vida. Todo indivíduo aprende e desenvolve os comportamentos que o possibilitam viver (CAMPOS, 1984, p.15).

Diante deste quadro considera-se que a instituição familiar vem desde muito tempo tendo um lugar significativo e participativo na aprendizagem desses sujeitos. Davis e Oliveira (1994, p.23) reitera essa afirmativa em que diz que:

[...] a tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais.

Até então não tínhamos pensado como tão complexa é a aprendizagem quando tentamos defini-la. Na verdade, se levarmos em conta o senso comum, defini-la seria mais fácil, uns diriam que aprendizagem é fazer/ensinar algo de bom, adquirir habilidade em leitura, em escrita, e etc. Trata-se, pois, de uma definição rasa frente a um termo que é muito mais do que isso. Por isso, além de aprender a escrever, os indivíduos aprendem os valores culturais, a amar, a odiar, a desejar e a formar o seu caráter, sua personalidade.

Dessa maneira, a aprendizagem não é apenas a aquisição de conhecimentos e exercício, mas um processo complexo e dinâmico, pois envolve, ao nosso ver, a participação integral dos indivíduos em seus aspectos físicos, cognitivos, emocional e social. Logo, a aprendizagem perpassa os conhecimentos adquiridos através da educação sistematizada (a escola) e passa a ter importância

nas diversas relações e participações que o educando tem em outros ambientes e com outras pessoas, principalmente com a sua família, primeiro meio de interação social do indivíduo ao nascer. Sobre isto Brandão (1985, p. 19) afirma que:

Os meninos aprendem entre os jogos e brincadeiras de seus grupos de idade, aprendem com os pais, os irmãos-da-mãe, os avós, os guerreiros, com algum xamã (mago, feiticeiro), com os velhos em volta das fogueiras. Todos os agentes desta educação de aldeia criam de parte a parte as situações que, direta ou indiretamente, forçam iniciativas de aprendizagem e treinamento.

Esse argumento nos mostra a importância que o conhecimento dos mais velhos é importante em se tratando de educação. Não há uma metodologia, um currículo, um sistema de ensino centralizado no lócus, mas há sim, uma troca de conhecimentos que leve os aprendizes a construção do conhecimento. Segundo Cláudia Davis e Zilma de Oliveira (1994), a aprendizagem é conceituada como o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece.

No campo educacional a aprendizagem é explicada por diferentes concepções. Entender o que seja aprendizagem e como ela se dá é importante para entendermos as principais falhas que levam as principais dificuldades dos educandos em seu processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a perspectiva histórico-cultural, a aprendizagem se apresenta com os seguintes conceitos: conhecimento prévio, zona de desenvolvimento próximo (DUARTE, 2007, p. 97) e aprendizagem significativa. O termo aprendizagem manifestou-se a partir das investigações realizadas no campo da Psicologia. No campo educacional encontramos as contribuições de Piaget e Vigotski, por exemplo.

Piaget (1990) preocupava-se mais com o processo que levava a criança ao conhecimento e as mudanças que ocorrem no seu pensamento do que simplesmente a criança em si. Por isso Piaget classificou as mudanças que ocorrem no pensamento da criança em diferentes estágios: sensório-motor, pré-operatória, operatória concreta e operatória formal.

Vigotski (2008; 2007), defendia que o desenvolvimento e a aprendizagem da criança acontece por meio da interação/troca do sujeito com o meio histórico-social. A perspectiva adotada pelos sucessores de Vigotski era a histórico-cultural. A criança nessa perspectiva é considerada um ser pensante e capaz de vincular sua ação de representar o mundo através da cultura. Vigotski acredita que ninguém aprende sozinho, é necessário que haja o outro para que ele aprenda. A esse respeito a teoria de Vigotski atribui especial importância ao meio social, ao adulto educador no processo de aprendizagem. Vejamos o que é a aprendizagem escolar para Vigotski (*apud DUARTE, 1993, p. 97*)

Quando observamos o curso do desenvolvimento da criança durante a idade escolar e no curso de sua instrução vemos que na realidade qualquer matéria exige da criança mais do que esta pode dar nesse momento, isto é, que esta realiza na escola uma atividade que lhe obriga a superar-se. Isso se refere sempre à instrução escolar sadia. Começa-se a ensinar a criança a escrever quando todavia não possui todas as funções que asseguram a linguagem escrita. Precisamente por isso, o ensino da linguagem escrita provoca e implica o desenvolvimento dessas funções. Esta situação real se produz sempre que a instrução é fecunda. [...] Ensinar a uma criança aquilo que é incapaz de aprender é tão inútil como ensinar-lhe a fazer o que é capaz de realizar por si mesma.

Vigotski quis dizer a exemplo da alfabetização, que o desenvolvimento da criança é provocado pela aprendizagem. Esse movimento de aprender para desenvolver da criança, Vigotski denominou de zona de desenvolvimento próximo. Portanto, a base para uma boa aprendizagem parte de uma boa educação do sujeito, inicialmente proporcionada pelo ambiente familiar. A família é o primeiro meio de interação social que o indivíduo tem ao nascer, daí a importância desse meio em contato com a educação escolar.

A Educação, portanto, é direito de todos, e em seu sentido amplo, se faz ou pelo menos deveria, se iniciar no seio familiar (substituta ou natural) do sujeito algo que se confirma no Estatuto da Criança e do Adolescente Lei nº 8069 ao afirmar em seu Artigo 19 que:

Toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substâncias entorpecentes.

Quando o aluno consegue compartilhar seus valores construídos fora da escola sua aprendizagem torna-se mais efetiva. Neste ideal de participação de família na escola, a família sabe qual é o seu papel no contexto escolar de seu filho participando, frequentemente, das reuniões escolares, além de manter uma relação dialógica com os professores de maneira positiva no anseio de acompanhar o comportamento, as necessidades e as principais dificuldades do filho no ambiente escolar.

Dessa maneira, percebemos que a ação e o ato de aprender está para além da escola, onde entendemos que a aprendizagem escolar é só uma parte daquilo que entendemos por aprendizagem, porque como já vimos, aprendemos desde que fomos inseridos no mundo a partir do nosso nascimento. O ser humano é um ser da aprendizagem. Nós vivemos aprendendo e daí a necessidade da escola, e principalmente da família orientá-lo.

Por isso, a família por ser a célula mater, a primeira grande educadora, precisa ajustar sua educação e seus conceitos para saber o que deseja que seus filhos aprendam, trazendo estes princípios, também, para dentro do ambiente escolar. Mas devemos ter em mente que, mesmo tendo a família e a escola como copartícipe para dar essa orientação na aprendizagem desses alunos, na maioria das vezes estas crianças procuram a rua para ensiná-los. Cabe então a família, se reorganizar, ou seja, refletir acerca do seu papel e responsabilidade na educação escolar de seus filhos, se reajustando para que tanto a escola como ela se tornem essenciais e significativas a estas crianças e jovens.

2.3. Função social da Escola

Uma das aprendizagens aqui referenciadas e privilegiada pelo sistema educativo formal é a aprendizagem escolar. Uma das possibilidades de se chegar a esse tipo de aprendizagem é por meio desta que se compreende os seguintes níveis de educação: infantil, fundamental, médio (os quais compõem a Educação Básica) e o Ensino Superior. O art. 22 da LDB/1996 afirma que:

A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da

cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.

Diante desses pressupostos garantidos em lei, entende-se aqui como Sistema educativo formal, a escola. Atualmente uma das questões a serem discutidas é a definição de papéis tanto por parte da escola como da família nesse acesso e produção desse conhecimento. Diante disso, segundo Demo (*apud* RAMOS,1993, p.177):

O poder da escola é de ser o lugar próprio onde se inicia e se sedimenta a capacidade de manejar e produzir conhecimento, oportunidade de desenvolvimento. Com isto, o papel da escola torna-se mais específico, ultrapassando a figura de complementação da família, ou de socialização de normas e valores, para assumir condição de lugar formação de um tipo especial de competência frente à cidadania e às mudanças na sociedade e na economia. A escola tenderá a tornar-se a instância estratégica em termos de equalização de oportunidade e de qualificação das mudanças estruturais. Tem de ser qualitativa e universal para assegurar a todos a oportunidade de desenvolvimento.

Há os que defendem a escola como um lócus de aprendizagem, mas não podemos desconsiderar outras formas de aprendizagem como, por exemplo, o contexto familiar. O aprender na nossa perspectiva de estudo está além da aprendizagem escolar pois os alunos buscam em diferentes espaços e pessoas o aprendizado. Considerando que a escola não é o único lugar onde o indivíduo concebe a educação, Brandão (2007, p. 9) destaca que:

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez não seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.

A escola não é o único meio de se chegar a educação mas devemos considerar que ela seja um ambiente propício de trocas/diálogos entre seus membros. Juntamente com as famílias ela pode promover nos espaços em que ocorrem as reuniões com os pais esclarecimentos do seu planejamento pedagógico a fim de fazer com que estas possam se integrar e auxiliar no alcance dos objetivos propostos pela instituição.

Em certos contextos familiares em que a cultura e os estímulos propostos ali encontram-se distantes da cultura escolar, os alunos sentem dificuldades no decorrer de sua formação afetando na maioria das vezes no seu desempenho escolar. Diante disso, para se explicar as dificuldades de aprendizagem, alguns fatores são levados em conta, desde fatores individuais (cognitivo, emocional e psicológico) até fatores sociais/culturais, fato este que é explicado por Palácios (*apud* MARQUESI & GIL, 2004, p. 76):

Estão também envolvidos fatores relacionados com o que poderíamos denominar contraposição de culturas entre família e a escola: aquelas famílias cuja cultura, cujos estilos de vida de relação e de estímulo estejam mais distanciados da cultura escolar, de seus estilos de vida, de relação e de estímulo constatarão como seus filhos podem encontrar mais dificuldades em seu trânsito pelo sistema escolar.

Diante desses fatores apontados por Palácios percebemos a importância de destacar qual a função social da escola em nossos dias, pois tanto a escola como a família são importantes nesse percurso das crianças dentro da escola. Palácios utilizou-se dessa citação para explicar o fracasso escolar como uma realidade multideterminada, o que significa perceber que as intervenções familiares e o meio social não deveriam ser vistos de formas isoladas. A formação de ambos passam a ser modificados com a influência da mídia, por exemplo. Da mesma forma como nós, seres humanos vamos nos modificando com o passar do tempo a função da escola, também, se modificou e continua se modificando a medida que as coisas ao nosso redor muda também, principalmente com o advento da tecnologia.

Ao definir a função social da escola percebemos a importância de destacar a compreensão do que se espera dessa instituição voltada ao conhecimento sistematizado no mundo contemporâneo, por isso, a importância de situarmos a prática escolar no mundo atual que vivemos.

Vejam que hoje é um grande desafio da escola trazer sua proposta de ensino diante dessa era da informação advinda da mídia e principalmente da tecnologia. Inicialmente, percebemos que a escola assume como um de seus papéis possibilitar o acesso ao saber, esse que se manifesta em diferentes sociedades, culturas, povos e etc. A importância de se perceber a escola como espaço de educação surgiu no século XVII, em que se perceberam a importância dessa na preparação das crianças para a realidade que os adultos viviam na época. O que

seria necessário também com a educação escolar, prepará-la para um futuro adulto racional com princípios morais e cristãos.

Diante do que observamos na história do contexto educacional brasileiro, sempre tivemos a ideia de uma escola “excludente” algo que não deixa de ser muito acusador e generalizador. Além do mais, essa história nos trouxe a ideia de que nem todas as crianças seriam capazes de aprender como as demais, isso devido sua “condição” social, cognitiva e etc., para aprender conteúdos mais avançados. É o que afirma Arroyo (1992, p. 49), “ Por exemplo, as crianças das camadas populares são colocadas em condições de instrução menos exigentes, em classes especiais; os conteúdos são reduzidos ao mínimo; o currículo é adaptado às suas “condições”, etc.”

A educação escolar compreende um espaço de direito universal e que deve proporcionar a todos o direito de aprender conhecimentos diversos nesse espaço. A instituição escolar deve levar o aluno a compreender a realidade da qual faz parte, é levá-lo a interpretar e buscar a transformação desta realidade, independentemente de sua condição social. A escola, então, tem ao nosso ver, por função fundamental preparar o indivíduo para o exercício da cidadania, o que já vimos, está proposto na Lei de diretrizes e Bases da Educação e para que isso aconteça é dever da escola promover o espírito crítico e reflexivo acerca da sociedade e do contexto que o rodeia. Conforme a LDB 9394/96:

a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”.

Conforme está explícito em lei, a educação não só abrange os processos formativos que ocorrem no contexto social do indivíduo que abarca a sua família, por exemplo, como também nos é expressado e bastante evidente que a educação se desenvolve por meio das instituições próprias de ensino. Essas que hoje, no atual contexto educacional cada vez mais é cobrada no sentido de vincular os alunos ao mundo de trabalho e as práticas sociais. A LDB, em seu artigo 3º ainda destaca os seguintes princípios do ensino:

- I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;
- II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;
- III - pluralismo de idéias e de concepções pedagógicas;

- IV - respeito à liberdade e apreço à tolerância;
- V - coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;
- VI - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;
- VII - valorização do profissional da educação escolar;
- VIII - gestão democrática do ensino público, na forma desta Lei e da legislação dos sistemas de ensino;
- IX - garantia de padrão de qualidade;
- X - valorização da experiência extra-escolar;
- XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.
- XII - consideração com a diversidade étnico-racial.

Diante desses princípios expostos acima, nos faz pensar e tentar refletir acerca do atual contexto educacional. Essa escola que estamos tratando está mergulhada num cenário do mundo contemporâneo, o que não significa que o que tivemos nos séculos passados não estejam refletidos até os nossos dias. As diversas transformações ocorridas no período de nossa história nos mostra a representação da escola como locus de sociabilização do saber, em que o conhecimento é necessário para ser transmitido as próximas gerações, o que nos faz refletir também, sobre as principais dificuldades de aprendizagens encontradas nos alunos nos dias de hoje.

Isso significa dizer que falar hoje de dificuldade de aprendizagens não deve estar estritamente relacionadas a um único fator, mas sim, que é uma realidade multideterminada por diversos fatores. Por isso, entende-se aqui a importância da participação da família no contexto escolar dos seus filhos como um dos fatores que possa contribuir para o desempenho escolar dessas crianças.

Segundo Paro (1996) a Associação de Pais e Mestres (APM) é um dos mecanismos importantes nas escolas públicas de Educação Básica do DF e outros estados como São Paulo, por exemplo. Paro (1996) destacou ainda que a existência dessa associação está mais como um caráter formal do que real. Tendo em vista o que se propõe de participação não é exatamente o que acontece na escola, a população tem dificuldade em participar, pois não dispõem de tempo. Essa questão da APM é uma das formas de mostrar que há pouca participação dos pais na escola, momentos que os mesmos poderiam estar conhecendo a realidade da escola dos filhos e promovendo melhorias que, de certa forma, contribuiria no desempenho escolar dos alunos.

Há de se pensar na escola como extensão da família, no sentido de proporcionar uma contribuição da família como parte do sucesso escolar dos seus

filhos, pois através de pequenas ações dos pais dentro da escola podem-se levar as crianças novas experiências e um melhor rendimento dentro da escola. Para isso, percebemos que na sua função social, a escola tem que propiciar a família outros horários e momentos para que a participação desta na escola possa acontecer, afinal, cada família possui suas particularidades que devem ser revistas pela escola.

Tendo em vista a importância essa relação na vida escolar das crianças como forma de melhorar o seu aprendizado é que esse assunto vem tomando cada vez mais espaço nas pesquisas educacionais tanto nos cursos de graduação como em cursos de pós-graduação. É uma parceria imprescindível, pensada não só nas famílias cujo contexto familiar e de crianças das classes populares como também as crianças de alto poder aquisitivo.

Dessa maneira, após analisarmos a função social da escola percebemos a necessidade, então, de buscarmos o que de fato a escola faz para que haja essa parceria da família dentro do contexto escolar, percebendo a importância da instituição familiar como contribuinte na aprendizagem escolar dos seus filhos. O que ficou claro em certos aspectos é que a função da escola está muito voltada ao que o aluno será futuramente em relação sua profissão. Diante disso procuraremos refletir mais adiante sobre o Projeto Político Pedagógico, o qual busca em sua essência promover um diálogo com os familiares dos alunos, além de perceber o que este projeto traz nas suas entrelinhas, a contribuição e formas de participação da família no contexto escolar desses alunos, é percebermos como a escola busca essa participação da família na escola.

3. O CONTEXTO, OS SUJEITOS E OS DOCUMENTOS DA PESQUISA

Neste capítulo nos propomos a responder os objetivos da pesquisa, principalmente no que se refere ao contexto e os sujeitos da pesquisa por meio de documentos oficiais da escola tais como o Projeto Político Pedagógico e o relatório de desempenho da turma investigada.

As metodologias científicas utilizadas para a realização do presente estudo foram: os métodos qualitativos e quantitativos, configurando-se como uma pesquisa quali-quantitativa, um novo modelo alternativo de pesquisa. Enquanto a expressão “pesquisa qualitativa” compreende como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, a pesquisa quantitativa procura seguir com rigor um plano previamente estabelecido (NEVES, 1996, p. 1). Esses métodos por sua vez não se excluem, embora eles tragam diferenças quanto às suas características (forma e ênfase). Os métodos aqui utilizados se complementaram para melhor contribuir no enriquecimento da presente pesquisa. Diante disso, Morse (*apud* NEVES, 1996, p.2)

propõe o emprego da expressão “triangulação sequenciada” para o uso ao mesmo tempo de métodos quantitativos e qualitativos[...]. Combinar técnicas quantitativas e qualitativas torna uma pesquisa mais forte e reduz os problemas de adoção exclusiva de um desses grupos: por outro lado, a omissão no emprego de métodos qualitativos, num estudo em que se faz possível e útil empregá-los, empobrece a visão do pesquisador quanto ao contexto em que ocorre fenômeno.

O presente estudo configurou, dessa forma, numa pesquisa qualitativa com elementos quantitativos.

3.1. Contextualização do espaço da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma Escola Pública do Distrito Federal, localizada numa região administrativa de Brasília. Atualmente a escola atende 212 alunos de 6 a 14 anos, do 1º ao 5º ano, nos turnos Matutino e Vespertino. Esta escola possui 11 classes regulares inclusivas, nas modalidades: TGD (*Transtorno*

Global de Desenvolvimento), TDAH (*Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade*) e DI (*Deficiência Intelectual*) e 6 classes especiais.

De acordo com o seu Projeto Político Pedagógico, atualmente em construção, esta escola existe há 50 anos, fundada em 26 de Junho de 1963. Atualmente 90% de estudantes são oriundos de outras Regiões Administrativas (RAs) e muitos alunos apresentam alto índice de vulnerabilidade social. A escola atendeu ao longo desses anos mais de 150 mil alunos e tem se dedicado a Educação Infantil e ao anos iniciais do Ensino Fundamental. Desde 2009 a escola oferece Educação Integral, ofertando no contraturno aulas de xadrez, judô, informática, entre outros, aos seus estudantes, permanecendo assim na escola por todo o dia.

A escola possui biblioteca, sala de atendimento psicopedagógico, outra para orientação educacional, de coordenação pedagógica, secretaria, copa, cantina, sala de recursos, sala reservada aos alunos do integral, sala de professores, diretoria e sala de Informática. A escola não dispõe de quadra de esporte, mas tem um parquinho dentro da escola construído ano passado para uso dos alunos da escola.

Em relação à quantidade de profissionais da educação que trabalham na escola encontramos 02 coordenadoras pedagógicas, 01 orientadora educacional, 21 docentes, 11 agentes de gestão, 02 assessores de direção e 01 no apoio a aprendizagem.

3.2. Os sujeitos pesquisados

Os sujeitos pesquisados é um grupo de estudantes e a professora da turma do Ensino Fundamental de uma escola pública do DF, bem como os pais destes estudantes. A turma é composta de 17 alunos, sendo que dois desses possuem DPAC (Distúrbio no Processamento Auditivo Cerebral) e um possui Transtorno do Espectro Autista. A maioria dos alunos encontram-se com 8 anos de idade. Segundo os relatórios individuais de desempenho escolar dos alunos, apresentam satisfatoriamente um ótimo relacionamento entre eles. Já em relação aos conteúdos de Português e Matemática, principalmente, a professora avalia que alguns desses alunos leem textos com autonomia, mas escrevem ainda palavras com bastante

erros ortográficos. Alguns alunos sentem dificuldades no desagrupamento matemático e outros apresentam baixa autoestima em relação as atividades propostas.

A professora regente da turma possui graduação em História, mas sempre atuou com turmas de 1º ao 3º ano. No momento, a professora trabalha com alunos do 3º ano do Ensino Fundamental desta escola pública do DF, lócus da pesquisa, com carga horária de 40 hs. Consideramos no mínimo estranho esta professora, licenciada em História, assumir uma docência própria para pedagogo. Entendemos que falta-lhe a sua formação conhecimentos que somente a formação em Pedagogia oferece, como por exemplo, Processos de alfabetização e letramento, Educação Infantil, metodologias de Ciências, Matemática, dentre outras. São 25 anos de carreira no magistério. É certo que a experiência pelo tempo de atuação neste nível a ajuda a entender os fenômenos pedagógicos que ocorrem no ambiente escolar. Todavia, seu entendimento e o tratamento dado aos alunos e a organização do trabalho pedagógico está paltado no senso comum, infelizmente.

A maioria das mães possui nível Superior e todas trabalham o dia inteiro. Algumas mães recebem o auxílio do governo, como a bolsa família.

3.3. Os instrumentos da pesquisa

Os instrumentos utilizados na pesquisa foram: observações em sala de aula, questionários aplicados aos pais, análise documental (PPP e relatório dos alunos) e a entrevista com a professora.

As primeiras observações foram realizadas durante 6 (seis) meses com a turma de 3º ano do Ensino Fundamental das séries iniciais, tempo no qual realizou-se a Fase 1 do Projeto 4, disciplina ministrada pela professora Maria Emília Gonzaga de Souza. Essa fase do projeto ocorreu no período de 18 de Março de 2014 a 10 de Junho do mesmo ano. As observações continuaram desde 09 de Março de 2015 quando entrei na turma fazendo parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Esse programa contribuiu para acompanhar novamente a turma e participar da reunião de pais dos alunos.

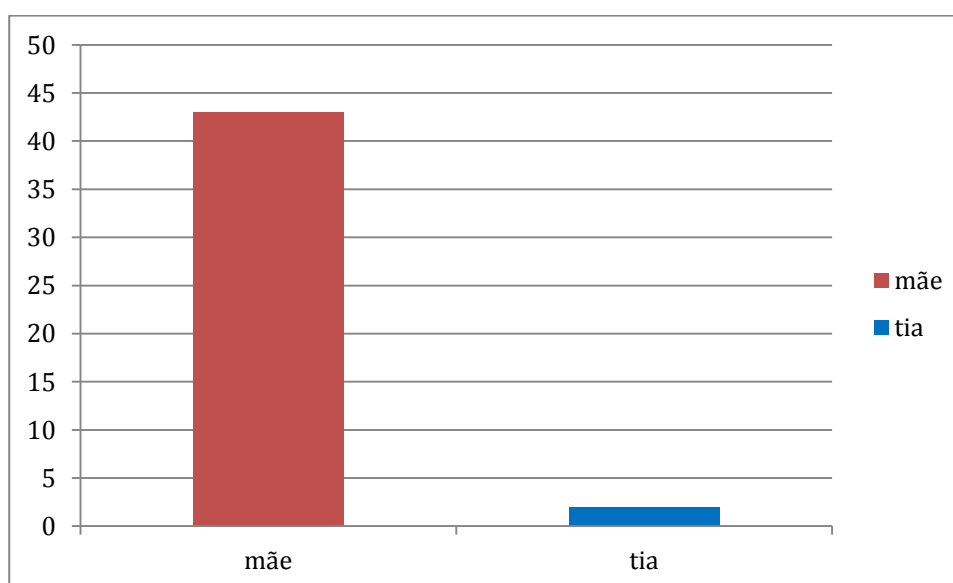
O questionário (apêndice A) foi aplicado aos pais. Nele havia 7 (sete) questões abertas e fechadas em que perguntava-se, inicialmente, sobre o grau de parentesco e de escolaridade. Há também questões relativas a participação dos pais as reuniões e como avaliam a sua participação na vida escolar (acompanhamento na tarefa de casa, festa da família e etc) dos filhos. Pelo questionário procurou-se perceber como a família contribui para o desempenho escolar dos seus filhos. E, por fim, realizamos análise documental do PPP da escola visando desvelar o que existe no documento referente a participação da família no cotidiano escolar em estudo.

3.3.1. Questionário aplicado aos pais

A priori o questionário foi aplicado a 9 (nove) mães de um total de 17 alunos. O questionário foi elaborado a partir de 7 questões abertas e de múltipla escolha. Este instrumento visava desvelar a participação das famílias na vida escolar e a sua importância no desempenho escolar de seus filhos.

O Grafico 1, responde o primeiro item do questionário “Quem participa das reuniões de pais?” Os dados, como se constata nos revelam que a participação das mães predomina nestas reuniões (43%). Os pais nem aparecem nesta estatística. Por outro lado, a tia é outro personagem que participa do cotidiano escolar dos estudantes, mesmo que de modo quase imperceptível (02%).

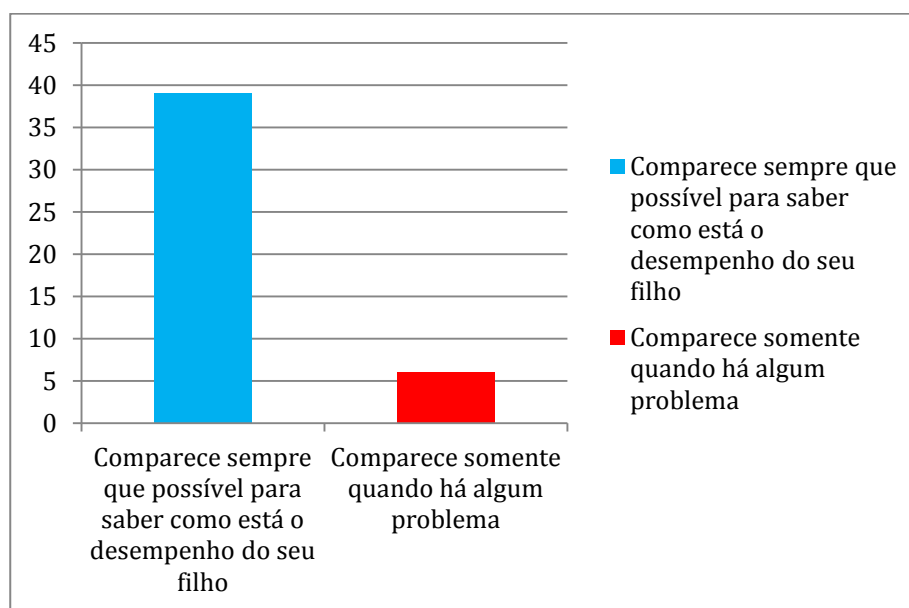
Grafico 1 – Participação da família nas reuniões de pais e mestres



FONTE: Da autora

Os dados nos levaram a constatar que o principal motivo da participação das mães às reuniões referem-se a sua preocupação em saber do desempenho de seus filhos (39%), conforme o Gráfico 2. Outro motivo, de menor índice (6%), é que somente participam das reuniões quando há algum problema do filho na escola.

Gráfico 2 – Motivo da participação da família no cotidiano da escola.



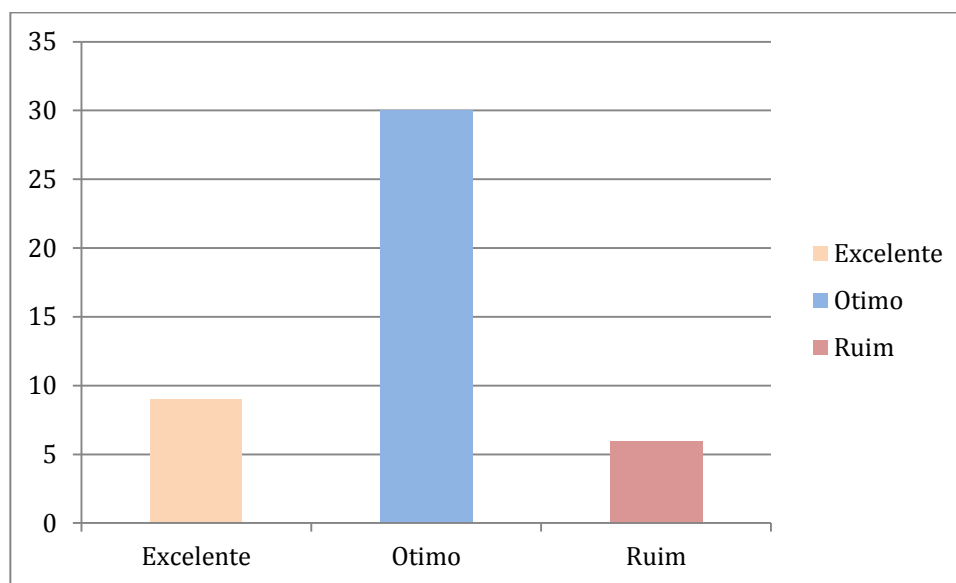
FONTE: Da autora

Desse modo, a participação da família não tem outro motivo a não ser acompanhar, de algum modo, o desempenho de seus filhos. Falta a estas famílias a consciência da sua função social. Por outro lado, os professores reforçam esta ideologia cumprindo exatamente o que acreditam os familiares “infomar sobre o desempenho dos filhos deles”. Sendo assim, entendo que a escola também reforça esta ideologia afastando cada vez mais as família do cotidiano escolar.

Além do mais, os dados do gráfico 03 demonstraram que as mães consideram ótima (30%) a sua participação na vida escolar acompanhando as tarefas escolares dos filhos, sendo assídua às reuniões e prestigiando as festas destinadas as famílias dos alunos, principalmente aquelas que possuem nível de escolaridade Fundamental e Médio. Não importa se alguns pais consideram ótima (30%), excelente (9%) ou ruim (6%) sua participação na escola (Gráfico 3). O certo é que sua participação ainda é insuficiente para o cotidiano da escola. Participar de reuniões de pais ou de festas destinadas a família é pouco pela necessidade de sua

presença constante na escola ajudando a educar e formar cidadãos críticos e reflexivos. Afinal, a escola não e nem nunca será um “depósito” de guardar estudantes, como quer muitos desses familiares.

Gráfico 3 – Avaliação das mães na vida escolar dos filhos



FONTE: Da autora

Nosso argumento foi reforçado quando entrevistamos a professora regente da turma sobre como ela vê a participação da família na escola. Para ela, a família não participa da vida da escola e estes mesmos pais passam por diversos problemas familiares envolvendo desavenças refletidas no comportamento do aluno em sala de aula e na escola.

3.3.2. Observações

Durante as observações percebi que, no geral, há um bom relacionamento entre professor-aluno. Isso é importante por possibilitar uma melhor organização do espaço da sala de aula, mas, principalmente, um maior aprendizado para ambos tanto professor como aluno. Quando questionada sobre aprendizagem, ela nos afirmou que isto ocorre quando a criança consegue aprender ou abstrair os conteúdos e as explicações. As crianças aprendem todos os dias com diversos processadores. A professora ainda colocou que quando a criança tem o domínio da Língua Portuguesa ela passa a ter uma relação maior com o mundo a sua volta.

Como abordamos em capítulos anteriores, a aprendizagem é conceituada como o processo através do qual a criança se apropria ativamente do conteúdo da experiência humana, daquilo que o seu grupo social conhece, como destacam Davis e Oliveira (1994). Diante desta afirmação fica a dúvida: será que aquelas crianças aprendem nestes termos? Custa a acreditar que há aprendizagem ativa considerando o modo de agir dos principais responsáveis por estas aprendizagens: pais e professores.

Pelas observações, também foi possível perceber que a professora durante as suas aulas fez uso de práticas bastante tradicionais, a maneira enfileirada em que estão dispostas as mesas dos alunos em sala de aula, bem como durante as aulas, na maioria das vezes é marcante a figura de autoridade exercida pela professora regente. Isso é outra pista de que a aprendizagem não pode ocorrer ativamente neste ambiente.

De acordo com o que observamos nas aulas, os alunos apresentam comportamentos diversificados. A maior parte deles moram em locais afastados da escola, chegando muitas vezes atrasados, e quando chegam cedo a escola algum deles dormitam em sala de aula. Outros continuam na escola no contraturno participando da Educação Integral. Algumas crianças se mostram bastante participativas dentro da sala trazendo muitas vezes contribuições de seus pais, principalmente quando a professora explica sobre respeitar o colega, não brigar, por exemplo. Portanto, a metodologia utilizada na pesquisa nos ajudou a confirmar nossa hipótese de que a participação da família na escola foi algo pouco constatado.

3.3.3. O Projeto Político Pedagógico da Escola

A última versão que se tem do Projeto Político Pedagógico da instituição pesquisada se refere ao ano de 2014. Segundo o referido projeto em análise, este foi reformulado com a participação da comunidade escolar, nas reuniões pedagógicas, em reuniões de pais e mestres e em outros momentos da escola.

No PPP a **Associação de Pais e Mestres** (APM) dessa instituição escolar pública está representada pelo: presidente (o diretor da escola), o vice-presidente (vice-diretor), dois secretários (Orientador educacional), um Tesoureiro, dois conselheiros (professora do Ensino Especial) e quatro suplentes, sendo um desses

suplentes uma avó de uma das alunas da escola (funcionária da escola). Os demais suplentes não conseguimos identificar durante a coleta de dados. É muito estranho a escola não ter registrado oficialmente os membros de uma Associação tão importante para a vida da escola. Sequer sabemos se estes outros membros correspondem ou não as famílias de algum aluno ou se é membro da comunidade na qual a escola está inserida. Não percebemos se a figura dos pais está concretizada na prática. Conseguimos perceber no PPP que a finalidade dessa associação é de aproximação entre família e escola, mas o que vemos ainda é um distanciamento desses importantes atores no cotidiano passando despercebido pela escola.

Outro órgão colegiado a destacar é o **Conselho Escolar** esse busca, também, uma participação de todos da comunidade escolar para uma tomada de decisão em prol da educação e formação cidadã dos alunos tendo como integrantes desse conselho: Presidente, Vice-presidente, uma Secretária, duas Carreira magistério e uma Carreira assistência. Quando perguntado a alguns membros da escola sobre algumas pessoas que o compõem, obtivemos meias-respostas. Pelos nomes de alguns identificamos como professores da classe especial e turma inclusiva e um membro que corresponde a um familiar de um aluno especial. Este membro assume a presidência do referido órgão.

Para a reformulação do referido projeto político tem-se também como participantes as coordenadoras pedagógicas, o secretário, auxiliares de secretaria, Equipe de Apoio a Aprendizagem, orientadora educacional e uma equipe de 21 docentes.

Desde 2009, a escola oferta Educação Integral (Projeto Mais Educação), neste projeto a escola dispõe no limite de 100 vagas para atendimento dos alunos. Algo importante a se destacar também do projeto é a importância que este dá para todo o contexto escolar e o público-alvo da comunidade da cidade onde a escola se localiza como para outros alunos vindos de outras regiões. Valendo destacar que 41% dos alunos da instituição são moradores de outras regiões como Riacho Fundo, Samambaia, Recanto das Emas, levando mais de 60 minutos para chegarem a escola (PPP, 2014, p. 8). Esse distanciamento leva os alunos a não concentração nas aulas o que aponta o projeto com referência as recomendações do MEC. Muitas

vezes esse distanciamento se dá também em virtude da proximidade da escola ao local de trabalho dos pais.

O distanciamento do local onde o aluno reside com relação a escola que este estuda pode ser sim, um dos motivos que leva os alunos a baixa concentração, isso se comprovou durante algumas aulas observadas, em que alguns alunos dormiam em sala durante as atividades aplicadas pela professora. Às vezes, pela própria prática docente em promover sempre uma mesma rotina de aula, pode levar os alunos a não concentrarem nas aulas.

Uma característica presente no PPP da instituição em estudo é que ela está voltada ao ensino de qualidade procurando promover um espaço de inclusão de crianças com necessidades especiais em turmas regulares. Para definirmos qualidade tomamos como base de Sousa (1998, p. 03):

A qualidade da educação infantil pode ser considerada a partir de diferentes parâmetros ou pontos de vista. Por exemplo, se usarmos o modelo proposto nos chamados programas de “Qualidade Total”, “Reengenharia”, ou de “Melhoria Contínua”, adotados por empresas e outras agências, onde se ressalta a necessidade de se levar sempre em consideração a “satisfação do cliente” e ainda surpreendê-los, ir além das suas expectativas e atraí-los ainda mais, diria que o nosso negócio é a educação da criança pequena. [...] Nosso objetivo maior é, portanto, satisfazer as necessidades e interesses das crianças e envolvê-las cognitivamente e afetivamente, cada vez mais, com o seu próprio processo educativo. E ainda seduzi-las com o desafio do aprender a aprender, ampliando progressivamente seus horizontes de possibilidades, desejos, aspirações e realizações. Um dado programa de educação infantil poderá ser considerado de qualidade se ele for capaz de atingir a esses objetivos.

A partir da definição sob o olhar da qualidade na educação infantil no qual tomamos emprestado de Sousa (1998), entendemos aqui a inclusão como parte do que se espera para uma educação de qualidade dentro dessa instituição escolar, pois entendemos que o esperado de qualidade atenda satisfatoriamente a todos os alunos de forma igual independentemente de suas necessidades específicas. E de certa forma, espera-se nessa visão de educação de qualidade que possibilite a efetivação do espírito crítico e o fortalecimento do compromisso para transformar a realidade social.

Segundo o PPP, a escola tem buscado formar cidadãos críticos e participantes, capazes de interagir positivamente na transformação da sociedade. A

escola ao reformular o PPP reconhece na sua prática o seu papel de educar, mas percebe também o dever da família e do Estado nessa tarefa. Sendo assim, o PPP da escola trouxe a questão de buscar sempre inserir a família no contexto escolar.

De acordo com o princípio da escola, esta busca utilizar outros espaços para enriquecer o trabalho pedagógico e proporcionar vivências pedagógicas mais próximas de um contexto real. Mapear os locais que apresentam potenciais educativos e buscar parcerias para que a aprendizagem seja mais significativa. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2014, p. 13)

O PPP foi construído tomando como base legal: a CF/88, LDB, DCNs, os princípios do Currículo em Movimento da SEDF (2014) e os PCNs. Contudo, reafirmamos, não encontramos qualquer indício de envolvimento e participação das famílias neste contexto. No entanto, há uma distância entre o dito e o praticado ali. Ser democrática, cidadã e de qualidade são atitudes que ainda não saíram do papel. O principal, a participação da família, isto não ocorre na escola. E, se isso não ocorre como pode se arvorar a dizer que é democrática, cidadã e de qualidade? No capítulo que se segue esclareceremos melhor esta indagação.

4. EMPIRIA - A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA

Neste capítulo trataremos da empiria apresentando as análises da pesquisa procurando responder os seguintes objetivos: destacar a forma de participação dos familiares definido no PPP da escolar; delinear o espaço e o tempo de participação dos familiares no cotidiano da escola; enfatizar a contribuição da família para a aprendizagem escolar dos seus filhos estudantes e identificar o rendimento das aprendizagens dos alunos investigados e o sentido de aprendizagem escolar para os sujeitos envolvidos na pesquisa – pais, alunos e professores.

4.1. Quando e de que maneira a participação dos familiares está consolidada no PPP da escola?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação n. 9394/96 pautava em seu Art. 12 que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de: I - elaborar e executar sua proposta pedagógica”. Além de trazer nesse mesmo artigo outro inciso bastante importante para o desenvolvimento desse trabalho: “VI articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. Partindo desse pressuposto legal que fundamenta a educação sistematizada, o PPP da escola então propõe o seguinte:

O PPP tem uma reflexão coletiva, serve para romper o isolamento dos diferentes segmentos da escola, buscando a participação efetiva de alunos, pais, professores, auxiliares de educação, equipe gestora; não só na elaboração, mas, constantemente na observação crítica do cotidiano escolar” (PPP, 2014, p. 2).

O Projeto Político Pedagógico é um documento que busca romper com as segmentações existentes dentro da escola além de facilitar e organizar todas as atividades criadas e executadas pela instituição. A participação da família está consolidada no PPP quando o mesmo propõe que haja um diálogo/parceria entre essa instituição e o ambiente escolar.

A participação da família se faz presente no Projeto Político Pedagógico no seu capítulo introdutório valorizando a importância não só dos membros que estão cotidianamente dentro do ambiente escolar bem como os vários sujeitos externos, tais como a família que aqui se faz copartícipe na sua execução e observação.

Sendo assim, a construção desse projeto de forma coletiva e dialógica é uma das formas dos pais poderem participar efetivamente na vida escolar de seus filhos sugerindo e refletindo a melhoria do ambiente escolar. Há também outros mecanismos de ação coletiva que podem envolver tanto a escola como a família tais como o Conselho de Escola, conselhos de classe e de série, Associação de Pais e Mestres (PARO,1996, p.124).

Quanto ao A - *Plano de ação para o desenvolvimento do projeto político pedagógico - Participativa* existente no PPP, o qual ainda encontra-se em construção, os pais são referenciados quando destaca-se um dos objetivos que procura fortalecer as ações da APM (2014, p. 82), tendo como metas “estabelecer uma relação próxima entre os pais e as ações dentro da escola” e tendo como ações “incentivar a participação dos pais na busca de melhorias para a escola através de contribuições”.

Diante disso um objetivo proposto no PPP recomenda que a escola priorize a parceria entre a família e a escola no intuito de:

Valorizar a educação como um instrumento de humanização e de interação social, proporcionando uma educação de qualidade através de um trabalho de parceria entre pais, alunos e profissionais de educação, num processo cooperativo de formação de indivíduos plenos e aptos, a construir a sua própria autonomia e cidadania, reconhecendo-se como ser único, mas também coletivo (PPP, 2014, p.14)

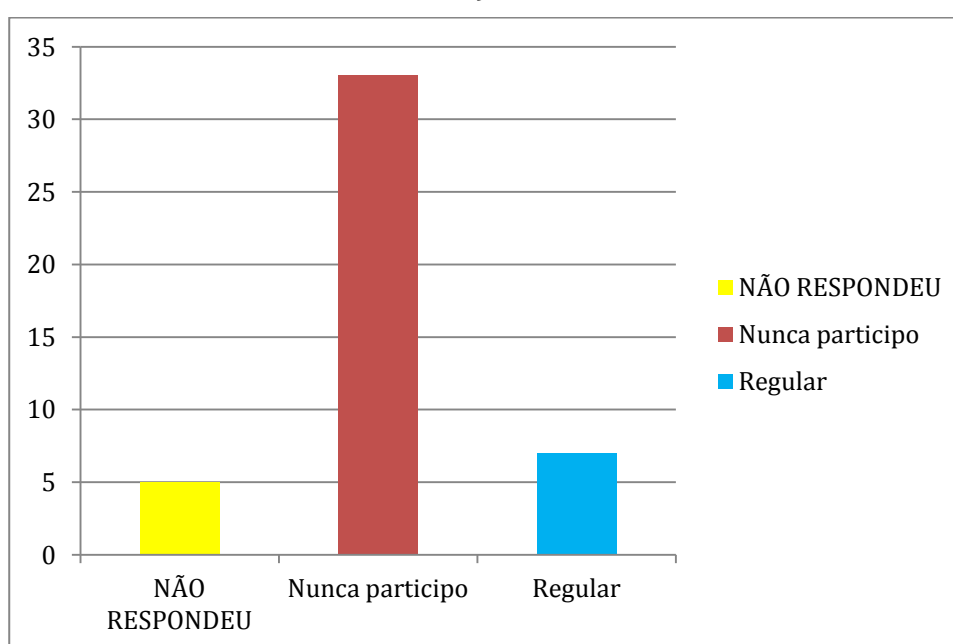
Além do mais se percebe que:

A participação da comunidade no espaço escolar é fundamental pois acreditamos que nesse diálogo entre escola e famílias, estas sentem-se acolhidas, apoiam e colaboram com as ações tornando o ambiente escolar mais rico, resgatando esse contexto cultural e reafirmando sua identidade social. (PPP, 2014, p.13)

As determinações expressas no PPP da escola investigada nos leva a refletir que, na prática a participação da família está ainda muito limitada e ausente na maioria dos casos dentro desse ambiente. Questionada sobre a participação dos pais na escola, a professora regente da turma reafirmou que os pais ainda se encontram ausentes em momentos importantes da escola, como principalmente, a reunião de pais. Se o projeto visa uma elaboração conjunta com toda a comunidade escolar, os pais deveriam estar cientes dos projetos, associações, conselhos presentes na escola o que não ocorre.

Alguns pais ainda desconhecem a Associação de Pais e Mestres (APM) e o seu real objetivo (Gráfico 04). Durante as observações evidenciamos que a professora pouco valoriza esta associação dentro da escola tampouco informa aos pais e alunos. Por sua vez, os resultados dos questionários nos mostraram que a APM tem pouca relevância para alguns pais embora que expressem um discurso de que é “Muito importante para melhorar na Educação dos nossos filhos na escola” (Familiar 02), e outros ainda dizem “Nunca recebi nada, só cobrança” (Familiar 01).

Gráfico 4 - Associação de Pais e Mestres



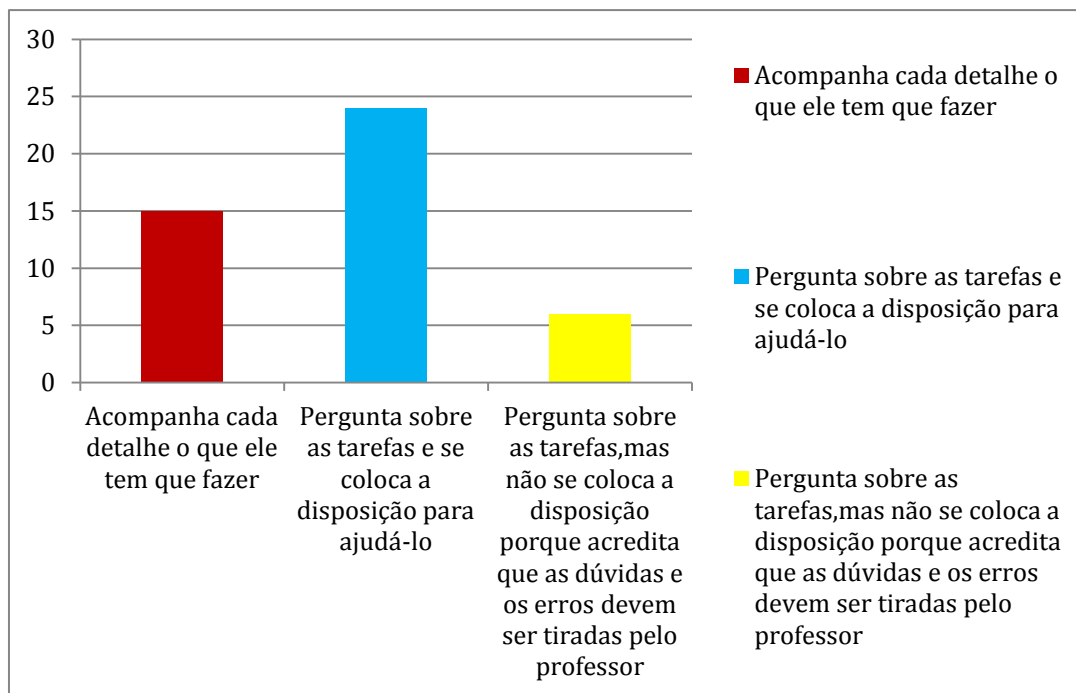
FONTE: Da autora

A pesquisa claramente evidenciou que 33% das mães que estiveram na reunião nunca participam na APM. Algumas delas entendem que os objetivos da APM é auxiliar nos recursos financeiros da escola tais como: compras de merendas e outras necessidades básicas da escola. Mas não deixa de ser esses objetivos uma das propostas a serem realizadas com o dinheiro que se arrecada com a APM.

Há um paradoxo evidenciado no questionário aplicado aos pais. Conforme gráfico 5, para 24% deles perguntar sobre as tarefas e se colocar a disposição para ajudar ao filho parece o mais comum entre estes sujeitos, 15% de outros pais acompanham, detalhadamente, o que o filho tem que fazer e outros 6% deles veem a necessidade de perguntar sobre a tarefa mas não veem importância em ajudar os

filhos nas suas dúvidas quanto as tarefas propostas para casa, sendo essa uma outra preocupação.

Gráfico 5 – Participação da família nas tarefas de casa



FONTE: Da autora

Diante disso, inferimos que, para além dos professores, estes últimos dados evidenciam que os pais apresentam uma mentalidade conservadora, bancária e pouco interventivadora. Estas atitudes são reafirmadas quando não participam da vida da escola. Para estes, a escola serve apenas como lugar para depositar seus filhos, nada mais. Desse modo, conforme vai-se analisando os dados, percebe-se o quanto os familiares demonstram alienação quanto a educação de seus filhos e que a escola é apenas o lócus de reprodução das diferenças sociais ou de redenção, o que não é verdade, já nos afirmara Paulo Freire (1987).

4.2. Quando e para que fim os pais são convidados a participarem de reuniões e/ou visitas à escola?

Segundo o PPP da escola investigada, a participação da família é importante para a valorização de uma educação de qualidade, diálogo, acolhimento e colaboração para com o enriquecimento do ambiente escolar a partir da valorização do contexto cultural para reafirmar a identidade social dos estudantes.

Na realidade, a partir das entrevistas com os familiares e professor, a participação da família na escola, pelos relatos de algumas mães, ocorre “Quando o professor chama. Tudo é direto com a professora. Quando a direção chama, eu nem venho” (Familiar 03). Outra, se referindo as festinhas que acontecem na escola, afirma: “Quando eu sou solicitada pela direção, eu venho. Geralmente eu é que solicito da direção. Só nas festinhas, mas eu nem venho, essas festinhas deixam muito a desejar” (Familiar 01). Infelizmente os pais não compreendem a importância destes eventos para a formação social destes estudantes desqualificando e desestimulando as crianças a expressarem sua sensibilidade. Sobre este assunto, abordamos no capítulo do Estado da Arte.

Quando o assunto é plano de ação para desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico, a participação da Família, da equipe gestora e dos professores (comunidade escolar) são importantes pois visa favorecer as relações interpessoais da comunidade escolar, através da arte e do esporte. Uma relação que tem como meta buscar atividades que enriqueçam a rotina educacional. Entretanto as famílias não entendem assim e a escola perdem esta oportunidade de inserção das famílias no cotidiano escolar.

Além do mais o PPP, como já foi mencionado anteriormente, demanda a reflexão coletiva da comunidade escolar pela via das reuniões pedagógicas, da reunião de pais e os demais segmentos da escola, das parcerias que esta instituição e estes sujeitos podem concretizar, etc. Nesse sentido, o projeto tende a dar visibilidade a escola como um espaço democrático e público em que todos os seus membros tenham o dever e o direito de ouvir e ser ouvidos. Entretanto, na prática isto não ocorre, tendo em vista que os pais não participam. Enfim, os pais não são frequentes na escola.

Para muitos professores, a aprendizagem ocorre a partir da contribuição da família no desempenho escolar dos seus filhos. Alguns ainda percebem como ajuda valiosa a participação da família na escola, além de ser um incentivo aos estudos de sala de aula. Outros ainda, dizem que o papel primeiro na aprendizagem é dos pais, estes devem estimular, instigar, questionar, ler junto com o filho e ainda concluem, a escola é o apoio nesse aprendizado, mas a responsabilidade é dos pais.

Entretanto, já alguns pais quando convidados a participarem das reuniões pedagógicas na escola demonstram desinteresse e desatenção ao que é trabalhado

ali, além de que suas concepções de aprendizagem são completamente estranhas ao que se propõe na escola. Estes ainda percebem que a aprendizagem só é aquela adquirida no contexto escolar, cabendo a escola dá conta dos valores morais, éticos e princípios de uma boa aprendizagem. Sobre isso reiteramos essa afirmativa de Davis e Oliveira (1994, p.23) em que diz que:

[...] a tarefa de ensinar, em nossa sociedade, não está concentrada apenas nas mãos dos professores. O aluno não aprende apenas na escola, mas também através da família, dos amigos, de pessoas que ele considera significativas, dos meios de comunicação de massa, das experiências do cotidiano, dos movimentos sociais.

Desse modo, os pais devem entender que sua participação na vida escolar dos seus filhos é de suma importância para o desempenho destes na escola. A aprendizagem dos alunos se dá por diferentes meios, mas cabe aos pais serem copartícipes nesse processo pelas vias que já mencionamos aqui como, por exemplo, participação nas reuniões de pais e mestres, festa da família, participação nos conselhos escolares e etc.

4.3. De que maneira a escola promove a inserção/participação dos Familiares no cotidiano da escola?

O PPP da instituição descreve os projetos que são desenvolvidos na instituição, um deles é conhecido como **Projeto Vivência** o qual visa oportunizar aos alunos um momento de convivência com a diversidade, momento pelo qual a criança especial se insere na classe regular. O projeto de fato acontece dentro da escola como aponta algumas professoras. Entendemos que trata-se de uma excelente oportunidade para os familiares participarem colaborando com a finalidade do projeto. Entretanto, a família desconhece completamente.

O outro é o **Projeto festa das Nações** em que a Família é convidada a participar da escola. Tem-se como objetivos nesse projeto o conhecimento dos cinco continentes desenvolvendo uma aprendizagem lúdica nos alunos e há, rapidamente nas estratégias do projeto, uma referência ao envolvimento da família. Sobre esse projeto é que ele existe desde 2013 e quando acontece na escola é uma grande festa, as famílias participam doando produtos para as barracas. Com auxílio e participação de alguns comércios como Pão de Açúcar e BRB ajudam para que a

festa aconteça. As famílias que mais bem avaliaram o projeto foi a família das crianças especiais, percebendo o projeto como um verdadeiro momento de inclusão. A festa junina é um outro momento que faz com que haja uma participação familiar e toda comunidade escolar.

Entre tantos outros projetos um que realmente nos chamou a atenção é o **Projeto Família**. Este projeto tem como objetivo proporcionar a integração entre a Família e a escola, estimulando o rendimento e o comportamento escolar dos alunos. E para que isso ocorra, a escola propõe, a luz do PPP, o dia da Família na escola. trata-se de um momento de confraternização em que os alunos homenageiam seus familiares levando-os a conhecerem as ações que a escola vem proporcionando. Este projeto visa:

- Apresentação do funcionamento da escola e funcionários para que as Famílias possam ter confiança no trabalho desenvolvido pela instituição;
- Proporcionar aos educadores e aos pais momentos de reflexão acerca de questões relacionadas ao andamento da educação dos filhos e alunos;
- Desenvolver atividades que trabalhem os valores familiares para que possam dentro do ambiente escolar e familiar perceber a importância do diálogo para a construção de valores e a resolução de conflitos;
- Promover a integração entre família e escola, estimulando o rendimento e o comportamento escolar dos alunos;
- Ressaltar a importância da afetividade e limites na escola e na família como fator primordial para o bom desenvolvimento do aluno;
- Construir momentos de socialização de ideias e valores com os pais sempre pensando em quais horários serão convenientes para a família;
- Trabalhar com oficinas que visem melhorar o convívio da família com a escola;
- Elaborar cartazes sobre o tema “Família” tendo as datas comemorativas como norte;

Como estratégias o **Projeto Família** contempla:

- Buscar Informações sobre a família, através de conversas ou entrevistas;
- Origem do nome do aluno para formar a sua história;
- Pesquisa da família montando a árvore genealógica;
- Exposição de fotografias da família;
- Mural com palavras mágicas que ajudam na boa convivência;
- Dinâmica para acolher os pais em reuniões;
- Encontros com família através de reuniões e eventos;

- Palestras com temas relacionada à estrutura familiar atual;
- Oficinas sobre tecnologia, artesanato, teatro, outras;
- Exposições dos trabalhos realizados em aula;
- Apreciação de filmes que retrata temas relevantes da atualidade com enfoque nas relações familiares;
- Promoção de jogos com a participação da família;
- Apresentação das crianças de músicas, teatro, jogral,... para a comunidade escolar.

De uma forma geral com relação a existência desses projetos da escola e tomando como base conversas com alguns membros da escola sobre a proposta e participação dos pais nestes projetos, estes membros afirmam que tanto os pais dos alunos do ensino especial como dos alunos típicos, concordam positivamente com o projeto vivência. Entretanto, há uma participação mínima dos pais das crianças, por exemplo, se as crianças levam trabalho para casa elas não fazem.

Quando foi perguntado sobre o Projeto Família, nos disseram que não tinha esse projeto na escola, mas que o mesmo existia só no papel como constatamos ao analisar o PPP. A explicação dada sobre essa questão foi de que o Projeto Família, na verdade não é um projeto, foi colocado assim para a escola ter um projeto a mais. E esse é na verdade, a Festa da família, e a festa realmente acontece, mas com pouca participação dos pais.

Entretanto, o que está no papel se distancia da realidade social. O fato é que muitas famílias até tem esse interesse de participar de momentos como foi o exemplo da festa da família, mas algumas não comparecem pois moram distante da escola.

Para os docentes estes momentos oportunizam a inserção da família no ambiente escolar levando-os a tornarem-se coopticipes da escola colaborando com sua função social. Infelizmente, na prática nada disso ocorre. Os projetos não saem do papel ou quando saem se limitam ao espaço da sala de aula sem qualquer colaboração da família ou da comunidade em que está inserida a escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui uma síntese da pesquisa apontando alternativas de superação das dificuldades e valorização da aproximação colaborativa entre família e escola, bem como nossas perspectivas profissionais e acadêmicas. Ao iniciá-lo, tínhamos como objetivo geral desvelar o papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos, estudantes do 1º ciclo do Ensino Fundamental de uma escola pública do Ensino Fundamental do DF.

A função social que a escola assume nos nossos dias encontra-se direcionada por dois vieses: ideal e real. O ideal deveria ser a escola o espaço de trocas e diálogos entre os sujeitos que compoem a comunidade escolar, incluindo-se especialmente a instituição familiar, em que esta pudesse cada vez mais ter voz ativa dentro da escola expondo seus questionamentos, ideias, sugestões e posicionamentos visando sempre um bom rendimento escolar dos filhos sem ser reprimida nesse contexto escolar.

Mas o que percebemos nesse trabalho é que as formas de participação da família que a escola oferece parece ainda ser muito limitada, tendo em vista a realidade de muitos pais que ainda não veem o espaço escolar além do espaço de sala de aula. Estes não participam do cotidiano da escola e nem consideram importante este envolvimento, principalmente em acompanhar o filho nas próprias tarefas escolares. Muitos pais ainda tem a concepção de que a escola é um “depósito” em que serão guardados seus filhos, além de reforçarem a educação bancária, vendo o professor como o único transmissor de conhecimento.

Por sua vez, a educação oferecida pela escola é importante, mas é preciso prestar atenção ao contexto social que a mesma está inserida. A família sendo a célula máter de nossa sociedade, a primeira grande educadora, precisa ajustar sua educação a realidade e exigências do contexto escolar contemporaneo. Se a família se reorganiza acaba dando uma contribuição maior para a escola. Tendo a família também como formadora de cidadãos críticos e reflexivos.

O trabalho nos permitiu entender como as famílias que participam das reuniões na escola percebem a importância de sua participação, principalmente quanto a aprendizagem escolar de seus filhos.

Por mais que 80% das famílias não estejam presentes dentro do contexto escolar participando da educação escolar de seus filhos, isso não significa que elas não estejam participando na educação em casa. O fato é que a família ausente desse contexto escolar acaba criando os filhos e educando para uma formação na maioria das vezes com valores que a escola desconhece. Com isso, o trabalho escolar ou familiar, acaba confundindo o aprendiz porque nos principais ambientes de aprendizagem eles não conseguem aprender. Os pais precisam estar em conexão com a escola para saber dos professores como os filhos estão nas aulas para motivá-los quando estes apresentarem alguma dificuldade.

Por isso, se a criança não tiver motivação em casa ela buscará inspiração, exemplos em outros lugares, em outras pessoas. A Família às vezes se torna um mal exemplo porque ela não curte os seus filhos nas suas diferentes fases de desenvolvimento.

A escola cada vez mais em nossos dias está sendo como um “depósito” de crianças, o que significa dizer que o ritmo de vida e de trabalho do tempo contemporâneo nos quais pais estão cada vez mais cedo os obrigam a matricularem seus filhos em creches ou escolas.

Diante deste estudo, reafirmamos que a educação do sujeito inicia-se no seio familiar e que cabe a esta transmitir os valores e as crenças, principalmente se olharmos o contexto de aprendizagem de épocas passadas em que os mais velhos da família ficavam responsáveis por ensinar aos mais novos conhecimentos importantes para a sobrevivência do grupo. Até então essa época não se tinha uma sociedade complexa e tão evoluída tecnologicamente como a que presenciamos no século XVII, época marcada pelo advento do uso de máquinas, divisão social do trabalho e conseqüentemente uma mudança no modelo de família.

Acontecimentos estes para mostrar aqui a participação dos pais legítimos ou não na educação dos seus filhos como direito algo claramente expresso em lei, uma educação garantida por qualquer membro da família. Historicamente, com advento do Capitalismo, a educação familiar não atenderia as exigências de um novo ideal de sociedade é a partir de então que as instituições escolares ganham importância dando continuidade a educação vinda do contexto familiar. Sendo assim a família deixa de ser a única responsável pela educação dos filhos e passa a dividir este compromisso com a escola.

Após uma longa jornada de estudos, trabalhos individuais e coletivos, leituras de diversos autores os quais contribuíram para uma consistente base teórica intimamente ligada ao contexto prático da sala de aula, entendemos que os nossos estudos não finalizam por aqui. O fato de ter chegado até aqui nos mostra o quanto foi árdua essa minha vida acadêmica nesses 4 (quatro) anos de curso, mas que em meio as dificuldades, todo esforço e dedicação foram maravilhosos e gratificantes. Talvez para alguns esse sonho pudesse está mais distante do que próximo de se realizar, mas a fé em Deus, persistência, esforço e dedicação com certeza foram os pilares para que esse sonho fosse realizado.

Minhas perspectivas são de continuar os estudos numa pós-graduação, bem como me inserir no mercado de trabalho atuando como pedagoga, de preferência na Secretaria de Educação do Distrito Federal. Quanto a continuidade dos estudos pretendo continuar investigando a relação família-escola pretendendo realizar intervenções provocadoras de melhoria da qualidade da educação e da relação família e escola.

Termino aqui insatisfeita com os resultados em que a pesquisa nos levou. Concluo sem saber se é a escola que não estimula os pais a se tornarem seus copartícipes, ou se são os pais que não estão atentos ao cotidiano da escola negligenciando qualquer proposta de envolvimento da família à escola.

6. REFERÊNCIAS

- ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. A vida Escolástica. Ed. LTC, 1973, pp. 107 – 123.
- ARROYO, Miguel G. FRACASSO-SUCESSO: O PESO DA CULTURA ESCOLAR E DO ORDENAMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. Em aberto, Brasília, ano 11, n.53, jan./mar. 1992
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1940 - **O que é Educação/ Carlos Rodrigues Brandão**. -- São Paulo: Brasiliense, 2004. --(Coleção primeiros passos; 20)
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Nacional. 1988.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da aprendizagem**, por Dinah Martins de Souza Campos, 16ª ed. Petrópolis, Vozes, 1984. p.15.
- DAVIS, Cláudia. **Psicologia na educação/ Cláudia Davis, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira**. – São Paulo: Cortez, 1994. – 2. ed. rev. – (Coleção magistério. 2º grau. Série formação do professor)
- MENEZES, Joyceane Bezerra de. A família na constituição federal de 1988 – uma instituição plural e atenta aos direitos de personalidade. **Revista novos estudos jurídicos**, n. 1 - p. 119-130 / jan-jun 2008.
- DUARTE, Newton. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski** 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- FRANCESCHINI, Ingrid Schroeder; PORTELLA, Fabiani Ortiz. **Família e aprendizagem: uma relação necessária**. 3 ed. – Rio de Janeiro: walk Ed., 2011. p.5.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa/Paulo Freire**. – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura)
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 07 Mai. 2015
- MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández (org.). **Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre, Artmed, 2004.
- NEVES, José Luis. PESQUISA QUALITATIVA – CARACTERÍSTICAS, USOS E POSSIBILIDADES. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, nº 3, 2º Sem./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>
- PARO, Vitor Henrique. Por dentro da escola pública. 2. ed. São Paulo: Xamã, 1996. 335 p. ISBN 8585833238.
- PIAGET, Sir Jean William Fritz . **SEIS ESTUDOS DE PSICOLOGIA**. Tradução Nina Constante Pereira. - Ed. Publicações Dom Quixote: Lisboa, 1990.
- SOUSA, Maria de Fatima Guerra . **Educação infantil: os desafios da qualidade na diversidade**. p.3. 1998
- VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- _____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

7. APÊNDICE A: Questionário aplicado aos familiares

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FAMILIARES

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado para participar da pesquisa "A influência do papel participativo da família na aprendizagem escolar dos alunos do 2º ano dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de Brasília". Esta investigação faz parte da pesquisa realizada por ocasião da realização da disciplina Projeto 5 (Trabalho de Conclusão de Curso), coordenada pela professora Otilia Dantas. O objetivo deste estudo é *desvelar o papel da família na aprendizagem escolar dos seus filhos, estudantes do 2º ano dos anos iniciais de uma escola pública do Ensino Fundamental do DF*. O interesse no tema surgiu durante o curso de Pedagogia, quando da realização do Estágio Supervisionado. Sua participação nesta pesquisa consistirá em: aplicação de questionário. São perguntas, em sua maioria de múltipla escolha. Abaixo há a pergunta se aceita participar desta pesquisa, em caso afirmativo, o pesquisado cederá os direitos ao pesquisador para o uso das informações que serão analisadas na pesquisa, bem como as publicações advindas desse processo. A qualquer momento você pode desistir de participar. Sua recusa não trará qualquer prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. As informações obtidas serão analisadas em conjunto pelos pesquisadores, não sendo divulgada a identificação de nenhum participante. Para qualquer esclarecimento, seguem os contatos das pesquisadoras:

Otilia Dantas (otiliadantas@unb.br)

Giselle Santos (giselleg.santos@gmail.com)

Você concorda em participar desta pesquisa?

Eu,

_____, CPF nº _____ aceito participar desta pesquisa respondendo ao questionário abaixo relacionado.

Brasília, ___/___/2015

Assinatura do participante

1. Parentesco:

() Pai () Mãe () Outros. **Quem?** _____

2. Grau de escolaridade:

() Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior

3. Nas reuniões de pais ou responsáveis realizadas pela escola você...

- () Não comparece porque se aborrece;
- () Comparece sempre que possível para saber como está o desempenho do seu filho
- () Comparece somente quando há algum problema.

4. Como você avalia a sua participação na vida escolar (acompanhamento no dever de casa, assiduidade nas reuniões de pais, festa da família, etc.) de seu(s) filho(s)?

() Excelente () Regular () ótimo () Ruim

5. Em relação às tarefas de casa que seu filho deve fazer:

- () Acompanha cada detalhe o que ele tem que fazer
- () Pergunta sobre as tarefas e se coloca a disposição para ajudá-lo

- () Pergunta sobre as tarefas, mas não se coloca a disposição porque acredita que as dúvidas e os erros devem ser tiradas pelo professor

Qual a importância que você vê disso para a aprendizagem do seu filho?

6. Como é a sua participação na APM (Associação de Pais e Mestres)?

- () Frequente () Regular () Bom () Excelente
() Nunca participo

Sabe qual o objetivo da APM dentro da escola? Justifique.

7. Como você percebe a contribuição da família no desempenho escolar do seu filho?

8. O que você entende por aprendizagem?
